



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



SIDNEIA RODRIGUES DA SILVA

REPORTAGENS SOBRE POLÍTICA: uma análise interpretativa

Montes Claros-MG

Agosto/2021

SIDNEIA RODRIGUES DA SILVA

REPORTAGENS SOBRE POLÍTICA: uma análise interpretativa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito parcial para a conclusão do curso e obtenção do título de mestre.

Orientadora: Professora Dr^a Arlete Ribeiro
Nepomuceno

Liberada para defesa em: 30/08/2021



(Assinatura da Orientadora)

Montes Claros-MG

Agosto/2021

S586r Silva, Sidneia Rodrigues da.
Reportagens sobre política [manuscrito] : uma análise interpretativa /
Sidneia Rodrigues da Silva. – Montes Claros, 2021.
104 f. : il.

Bibliografia: f. 96-98.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros -
Unimontes, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras/
Profletras, 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Arlete Ribeiro Nepomuceno.

1. Leitura crítico-reflexiva. 2. Reportagens. 3. Análise do discurso. I.
Nepomuceno, Arlete Ribeiro. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III.
Título. IV. Título: Uma análise interpretativa.

Catálogo: Biblioteca Central Professor Antônio Jorge

DEDICATÓRIA

À minha mãe Ana Maria Rodrigues da Silva
pelo apoio e incentivo constantes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de cursar este mestrado e por toda força, empenho e coragem proporcionada ao longo dessa jornada.

À minha orientadora, Prof^a. Arlete Ribeiro Nepomuceno, pela dedicação e cooperação no árduo percurso desta pesquisa. Externo meu agradecimento, todo meu respeito e toda minha consideração, uma vez que demonstrou competência e idoneidade na orientação desta pesquisa.

À minha família, pelo apoio e amor que me dedicou sem a qual jamais teria conseguido concretizar este projeto.

EPÍGRAFE

*“A verdadeira viagem de descobrimento não
consiste em procurar novas paisagens, mas em
ter novos olhos”.*

(Marcel Proust)

RESUMO

Nesta pesquisa, objetivamos apresentar um caderno de atividades de leitura de reportagens, com sugestões para o desenvolvimento da leitura crítico-reflexiva e a produção de novos conhecimentos. Tal proposta justifica pela necessidade do desenvolvimento de estratégias interventivas para despertar nos alunos o interesse pela leitura e tentar minimizar dificuldades no tocante à proficiência leitora. Desse modo, tendo em vista o quadro de dificuldades de leitura compreensivo-reflexiva evidenciado na prática docente e nos resultados das avaliações sistêmicas, surgiram questionamentos a que nos propusemos a responder por meio da pergunta de pesquisa: quais atividades podem ser propostas para a produção de sentidos, com uma leitura crítico-reflexiva, por parte de alunos dos anos finais do ensino fundamental durante a leitura do gênero discursivo reportagem? Assim, considerando que a sala de aula deve ser espaço de promoção do saber, aventamos a hipótese de que uma proposta de atividades de leitura do gênero reportagem, por meio de oficinas práticas que explorem a linguagem como prática social, numa perspectiva dialógica, suscitando atitudes reflexivas, fogem de propostas de leitura superficial e são mais adequadas ao desenvolvimento da leitura crítico-reflexiva de alunos do ensino fundamental. Alicerçada em bases sociointerativas, a teoria dos gêneros propalada por Bakhtin (1997) constituiu um referencial teórico basilar para o estudo empreendido, em diálogo com discussões e reflexões propostas por Lage (2001), Yanes (2004), Bahia (1999), no tocante à reportagem, Brandão (2012), Maingueneau (2005; 2015), no que se refere à Análise do Discurso, entre outros, sobre o discurso sob o viés político etc. Metodologicamente, nosso estudo alinha-se com uma abordagem qualitativo-interpretativa, por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, de modo a reunir informações, conceitos e posicionamentos no tocante ao tema em estudo. Com a produção de um caderno pedagógico direcionado aos professores de Língua Portuguesa do ensino básico, esperamos colaborar para que os educadores possam interferir para uma maior percepção e conscientização dos alunos, de forma a estimular uma postura crítica.

Palavras-chave: Leitura crítico-reflexiva. Reportagens. Análise do Discurso.

ABSTRACT

In this research, we aim to present a notebook of news reading activities, with suggestions for the development of critical-reflective reading and the production of new knowledge. This proposal justifies the need to develop interventional strategies to awaken in students the interest in reading and try to minimize difficulties with regard to reading proficiency. Thus, in view of the difficulties of comprehensive-reflective reading evidenced in teaching practice and in the results of systemic assessments, questions emerged that we proposed to answer through the research question: which activities can be proposed for the production of meanings, with a critical-reflective reading, by students of the final years of elementary school during the reading of the discursive genre reportage? Thus, considering that the classroom should be a space for promoting of knowledge, we venture that a proposal for reading activities of the reporting genre, through practical workshops that explore language as a social practice, in a dialogic perspective, raising reflective attitudes, avoid reading proposals superficial and are more suitable for the development of critical-reflective reading of elementary school students. Based on socio-interactive bases, the theory of genres propounded by Bakhtin (1997) constituted a basic theoretical framework for the study undertaken, in dialogue with discussions and reflections proposed by Lage (2001), Yanes (2004), Bahia (1999), regarding to the report, Brandão (2012), Maingueneau (2005; 2015), with regard to Discourse Analysis, among others, on discourse under the political bias, etc. Methodologically, our study is aligned with a qualitative-interpretive approach, through a bibliographical and documentary research, in order to gather information, concepts and positions regarding the topic under study. With the production of a pedagogical notebook aimed at Portuguese language teachers in basic education, we hope to collaborate so that educators can intervene for a greater perception and awareness of students, in order to stimulate a critical posture.

Keywords: Critical-reflective reading. Reports. Speech analysis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –Classificação de reportagem	25
Quadro 2 – Plano de ação	84

LISTA DE SIGLAS

AD	Análise do Discurso
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EF	Ensino Fundamental
OMS	Organização Mundial de Saúde
PROEB	Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica
STJ	Superior Tribunal de Justiça
SUS	Sistema Único de Saúde
TCU	Tribunal de Contas da União

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
1.1 Considerações sobre a língua(gem), leitura, gênero e interação.....	16
1.2 Os gêneros discursivos.....	20
1.3 O discurso jornalístico e o gênero reportagem.....	21
1.4 Análise do discurso:primeiros momentos e conceitos basilares.....	26
1.4.1 Análise do discurso: unindo o linguístico e o sócio-histórico.....	31
1.5 O dialogismo e a heterogeneidade discursiva.....	36
1.5.1 O dialogismo <i>bakhtiniano</i>	36
1.5.2 A heterogeneidade discursiva.....	37
1.6 O <i>ethos</i>	39
1.7 Cena de enunciação.....	40
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO.....	44
3 CADERNO PEDAGÓGICO.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	97
ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP.....	100
ANEXO B – Resolução.....	104

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa situa-se na área Linguagens e Letramento, buscando fomentar práticas docentes inovadoras fundamentadas em pesquisa e reflexão sobre o ensino de língua materna, para aumentar o nível de proficiência em leitura de alunos do ensino fundamental. Para atingir tal propósito, entendemos que cabe ao professor repensar a prática docente e tentar propostas que visem minimizar problemas detectados, refletindo sobre teorias, metodologias e práticas de ensino, num redimensionamento do ensino e da aprendizagem de leitura.

Nessa perspectiva, uma função é delegada ao professor: desafiar o aluno a produzir a própria compreensão, a pensar de modo crítico e atuante na sociedade, exercendo o papel de facilitador na aquisição de conhecimentos, com vista a desenvolver a capacidade de interação.

O desenvolvimento da proficiência leitora do aluno ocorreu com a seleção de reportagens veiculadas na internet, voltadas ao tema pandemia, de forma a tentar desenvolver uma postura reflexiva e formadora de opinião, imprescindível para que seja capaz de entender, integrar-se e atuar na realidade social em que está inserido.

Os pressupostos teóricos alinham-se com o dialogismo de Bakhtin e círculo (2003), para quem o enunciado é compreendido e interpretado no interior do gênero, em interlocução com estudos de Lage (2001), Yanes (2004), Bahia (1999), no tocante à reportagem, Brandão (2012), Maingueneau (2005;2015), Foucault (2005), no que se refere à Análise do Discurso, entre outros, sobre o discurso sob o viés político, etc.

A partir dessa perspectiva dialógica *bakhtiniana*, no gênero reportagem, foram considerados os signos verbais e os efeitos de sentido deles, o contexto sócio-histórico passíveis de serem interpretadas, diante das condições de produção, que coincidem com o contexto político, com o qual o discurso apresentado dialogou, pois esse gênero da esfera jornalística convalida a necessidade de ater-se ao contexto sócio-histórico-ideológico, que se relaciona ao fato de as análises serem engendradas a partir dos limites da cultura, por meio das quais se podem perceber questões discursivas atreladas às esferas sociais das quais emergem.

Sendo assim, uma proposta de leitura pode facilitar a produção de sentidos, e, conseqüentemente, elevar os níveis de proficiência leitora de alunos do Ensino Fundamental II, tendo em vista as dificuldades evidenciadas no cotidiano na sala de aula e no desempenho dos alunos nas avaliações sistêmicas.

Como exemplo, podemos analisar o desempenho de alunos do 5º ano do ensino fundamental, da Escola Municipal Santa Rita, de Januária/MG, na prova do PROEB/2018, cujo objetivo foi a produção de informações dos níveis de aprendizagem em Língua Portuguesa, em leitura. Numa escala de proficiência de 0 a 500, a média estadual foi de 216,5; municipal, 192,5; escolar, 198,9. Num nível de 0 a 9, a escala de proficiência escolar encontra-se inserido no nível 3. Em relação ao desempenho dos alunos no ano de 2018, constatamos que 21,8% dos alunos avaliados estavam no nível baixo, 32,1% no intermediário, 30,8% no recomendável e 15,4% no avançado.

Visto que a sala de aula deve ser espaço de promoção do saber, e, considerando as observações empíricas realizadas durante o exercício profissional, como professora de Língua Portuguesa na educação básica, os resultados das avaliações sistêmicas evidenciam um quadro de dificuldades de leitura compreensivo-reflexiva por parte dos alunos, surgiram questionamentos a que propusemos responder com esta investigação:

(i) Quais atividades podem ser propostas para a produção de sentidos, por meio de uma leitura crítico-reflexiva, por parte de alunos dos anos finais do ensino fundamental, durante a leitura do gênero discursivo reportagem?

Embora o gênero reportagem apresente uma riqueza de informações e múltiplas possibilidades de leitura, é pouco explorado pelos professores em sala de aula. Quando o são, geralmente, as análises ficam restritas àquelas propostas pelos livros didáticos (muitas vezes superficiais quanto ao conteúdo, ao estudo da forma, e da função comunicativa), não estabelecendo relações dialógicas com o contexto socio-histórico e as ideologias, nem se preocupando com o pleno exercício crítico-reflexivo que os diferentes gêneros exigem.

Posto isso, aventamos a hipótese de que:

(i) uma proposta de atividades de leitura do gênero reportagem, por meio de oficinas práticas que explorem a linguagem como prática social, numa perspectiva dialógica, suscitando atitudes reflexivas, fogem de propostas de leitura superficial e são mais adequadas ao desenvolvimento da leitura crítico-reflexiva de alunos do ensino fundamental.

No Brasil, o ensino de línguas a partir dos gêneros discursivos encontra-se inserida na BNCC, que orienta as práticas e estratégias de ensino de línguas no país, o que justifica o desenvolvimento de um trabalho com base nos gêneros discursivos, no caso, a reportagem, por se tratar de um dos principais gênero do discurso jornalístico e por relatar fatos que interessam ao público em geral, possibilitando, além do desenvolvimento da competência leitora, a análise, compreensão e interpretação de fatos do dia a dia. Diante disso, o trabalho

com esse gênero discursivo no contexto escolar é importante, pois a linguagem jornalística é ideológica, para a qual o aluno tem de se preparar, não se deixando levar pela passividade.

A leitura de reportagens sobre a pandemia, retiradas de páginas da internet, numa perspectiva política que alude ao Chefe do Poder Executivo, visa desenvolver, além da competência leitora, o senso crítico dos alunos, para que eles percebam as abordagens que objetivam manipular ou mesmo camuflar a realidade. O desenvolvimento de uma proposta voltada à leitura crítico-reflexiva faz-se necessária pela relevância de incentivar a consciência social e possibilitar a participação do aluno em atividades que exijam uma multiplicidade de conhecimentos acerca de linguagens, culturas, práticas sociais e contextos.

Nesse contexto, apresentamos o **objetivo geral** da pesquisa:

(i) apresentar um caderno de atividades de leitura de reportagens, com sugestões para o desenvolvimento da leitura crítico-reflexiva e a produção de novos conhecimentos.

O objetivo geral desdobrou-se três objetivos específicos:

(i) apresentar conhecimentos sobre a língua(gem), leitura, gênero discursivo, dialogismo, condições de produção, interdiscurso, heterogeneidade, entre outros, na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, a partir de estudos de Bakhtin e círculo (2003), Brandão (2012), Maingueneau (2005; 2015) etc.;

(ii) explorar conhecimentos sobre o gênero reportagem;

(ii) elaborar caderno com atividades de análise de recursos discursivos e dialógicos em reportagens, de modo a contribuir com a prática de ensino de professores de Língua Portuguesa, no desenvolvimento de leitores crítico-reflexivos, que pensem a linguagem como prática social.

Entre os discursos legitimados no contexto educacional, circulam os que advogam a inserção da diversidade textual, cuja inclusão objetiva formar leitores proficientes, capazes de compreender diversas linguagens e de construir sentidos numa multiplicidade de textos. Partindo do pressuposto de que a linguagem se realiza através dos gêneros, este estudo justifica-se, pois torna-se necessário elaborar e desenvolver uma intervenção cuja proposta volte-se à leitura, compreensão e interpretação de reportagens, como uma forma de tentar amenizar o atual quadro de dificuldades na leitura e produção de sentidos.

Considerando o discurso jornalístico, optamos pelo jornalismo opinativo, especificamente a reportagem como *corpus* selecionado, por extrapolar os limites da notícia, tendo o jornalista a liberdade de criar interpretações sobre assuntos sócio-políticos, produzidos no espaço público. Outrossim, por além de estar presente no dia a dia das pessoas e narrar

acontecimentos que abordam variadas temáticas, estar relacionado à formação da opinião do leitor, desempenhando efeitos construtivos e influências, que podem ser percebidos ou não por quem participa dos discursos.

Além disso, justifica-se por buscar entender como o Chefe de Estado se constitui como sujeito discursivo em reportagens durante a pandemia covid-19 que veicularam o discurso dele, analisando o modo como ele se marca como sujeito discursivo através do que diz, como ele se posiciona como sujeito no discurso proferido, observando que esses diferentes posicionamentos se dão a partir das formações imaginárias presentes na memória discursiva do enunciado.

Na busca do desenvolvimento do posicionamento crítico-reflexivo do aluno, justifica-se por buscar verificar como o Chefe de Estado se instaura como sujeito discursivo, como utiliza a noção que tem de si e do lugar social ocupado por ele. Evidenciando as relações interdiscursivas, observamos como ele se constrói discursivamente, quais as marcas se evidenciam para que possamos examinar e investigar o *ethos* instaurado nos discursos dele.

De mais a mais, justifica-se, ainda, pela possibilidade de provocar indagações e reflexões outras, tanto na sala de aula como na vida quotidiana, no que concerne à construção de efeitos de sentidos nos textos, na busca do desenvolvimento do uso da leitura, com vistas a proporcionar ao aluno uma relação menos ingênua com a linguagem e a certeza de que ela é evada de ideologias; a neutralidade inexistente.

Com relação ao método de pesquisa, adotamos a pesquisa bibliográfica e documental, por se tratar de uma investigação em material documental e teórico, de modo a reunir informações, conceitos e posicionamentos quanto ao tema em estudo. Assim, empreendemos o exame da BNCC e da literatura linguística apresentando, dentro da ciência da linguagem, os caminhos da Análise do Discurso, assim como conceitos basilares para a análise crítica das cinco reportagens selecionadas, entre os quais formação discursiva, interdiscurso, enunciação, ideologia, imprescindíveis à construção do aporte teórico e documental que compuseram a pesquisa, nos quais a análise qualitativo-interpretativa se sustentou.

Na elaboração desta dissertação, esboçamos, no primeiro capítulo, o aporte teórico, no qual evidenciamos considerações sobre a língua(gem), leitura e interação; gêneros discursivos e discurso jornalístico; a caracterização do gênero reportagem e os pressupostos basilares da análise do discurso de linha francesa. No segundo capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados. No terceiro, a partir das análises, apresentamos uma proposta de ensino, com base no gênero reportagem, com a elaboração de um caderno pedagógico para turmas dos anos finais do ensino fundamental, assim como as considerações finais.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, pretendemos apresentar e fundamentar, teoricamente, a perspectiva enunciativo-discursiva da Análise do Discurso de linha francesa, com vistas a embasar um estudo crítico-reflexivo sobre reportagens, veiculadas na internet e voltadas para a temática da pandemia do Covid, no contexto sócio-histórico-ideológico. Propomos, inicialmente, a discussãosobre língua(gem), leitura, gênero e interação, para, em seguida, acrescentar um percurso sobre a Análise do Discurso, com conceitos que se inter-relacionam ao discurso sob o viés político: enunciado, enunciação, formação ideológica, interdiscurso, heterogeneidade mostrada e não mostrada, entre outros.

1.1 Considerações sobre a língua(gem), leitura, gênero e interação

De acordo com a BNCC, para que uma comunidade linguística tenha condições de atuar socialmente no contexto em que vive, é necessário o domínio da língua(gem) como sistema plurissignificativo, por meio da qual ela possa interagir, acessar informações, expressar e assumir pontos de vista, (re)produzir costumes, hábitos e comportamentos etc., como afirma Travaglia (1996):

A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e ‘falam’ e ‘ouvem’ desses lugares [...] (TRAVAGLIA, 1996, p. 23).

Ampliando esse conceito, a “linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, instrumento graças ao qual influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana” (HJELMSLEV, 1978, p. 179).

Um projeto educacional compromissado com a democratização social e cultural incumbe à escola o papel de contribuir para garantir aos alunos acesso à língua(gem) como uma atividade social e criadora em si mesma, como meio de sugestão e de persuasão, fruto da situação comunicativa, que envolve participantes, propósitos e contexto textual-discursivo, e não meramente um conjunto de regras na sentença.

Em que pese isso, a linguagem, pensando na construção de sentidos pela linguagem, de uma maneira geral, não tem sido trabalhada de maneira adequada. Como resultado disso, muitos alunos saem da escola sem o reconhecimento crítico-reflexivo que a linguagem, a partir do gênero reportagem, especificamente sobre a crise pandêmica do Covid, num viés político, poderia proporcionar.

Estes cidadãos, talvez em função da formação escolar descontextualizada, não veem alguns discursos como tendenciosos, nem sempre sendo preparados para criticar, confrontar, reconhecer, questionar, buscar entender e interpretar discursos, deixando-se ou não influenciar, de forma consciente, não percebendo a língua(gem) como rica em sugestões argumentativo-persuasivos intencionais, tanto implícitas quanto explícitas.

Nessa perspectiva, cabe à escola rever a prática de leitura e buscar melhorias, a fim de promover conhecimentos necessários à formação de alunos como cidadãos com consciência crítica, com habilidades interpretativas dos significados socioculturais e ideológicos, em específico do gênero discursivo reportagem.

Segundo os PCN, a língua(gem) deve ser vista “[...] como ação interindividual, como um processo de interlocução em práticas sociais dos grupos de uma sociedade, nos momentos de sua história (BRASIL,1998)”. Por essa via, as práticas sociais dependem das circunstâncias em que comunicação ocorre, o que diferencia cada uma das práticas e as características sociais dos envolvidos na comunicação.

A linguagem, na abordagem da BNCC, é descrita como uma atividade discursiva pela qual a interação entre os indivíduos ocorre, possibilitando escolhas que, ao serem feitas no discurso, não são ocasionais, mas advindas das condições em que o discurso é produzido. A partir da interação, o discurso organiza-se com finalidades e intenções de quem profere-o, com conhecimentos que o interlocutor possa ter do assunto e do que pressupõe serem opiniões e concepções dele, contribuindo para determinar as escolhas do gênero no qual o discurso se concretizará, dos procedimentos de estruturação e da seleção de recursos linguísticos. Nas competências específicas de linguagens para o ensino fundamental, a BNCC propõe:

[...] compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais [...]; ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva (BNCC, 2017, p.63).

Corroborando os PCN, a BNCC advoga uma perspectiva enunciativo-discursiva de língua(gem), reconhecendo o texto como objeto de estudo, correlacionando-o a contextos de produção e a evolução de habilidades, no que compete à utilização significativa da língua(gem) em atividades de leitura. Na BNCC, as habilidades desenvolvem-se pela leitura de textos de gêneros variados. Para isso, o ensino de língua materna divide-se em campos, destacando-se habilidades de leitura, oralidade e escrita, contextualizadas por práticas, gêneros e diferentes objetos do conhecimento, com

[...] a participação dos estudantes em atividades de leitura com demandas crescentes possibilita ampliação de repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados em novos textos, configurando-se como conhecimentos prévios em novas situações de leitura (BNCC, 2017, p. 73).

Todavia, para ampliar repertórios e conhecimentos prévios, são necessárias estratégias voltadas ao aprimoramento da competência leitora, possibilitando a produção de sentidos e promoção do senso crítico-reflexivo. Com relação ao campo jornalístico/midiático, é mister ampliar e qualificar a participação dos alunos nas práticas relacionadas ao contato com a informação e opinião. Nesse sentido,

[...] para além de construir conhecimentos e desenvolver habilidades envolvidas na escuta, na leitura [...], o que se pretende é propiciar experiências que permitam desenvolver [...] a sensibilidade para que se interessem pelos fatos da na comunidade, na cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas, incorporem a prática de escuta, leitura [...] de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos [...] e participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa (BNCC, 2017, p. 138.)

Por meio de uma proposta de trabalho com o gênero reportagem, é possível contribuir para que os alunos desenvolvam o pensamento crítico e reflexivo diante dos fatos abordados, com uma atitude crítico-participativa em debates e discussões, relacionadas às situações cotidianas, de maneira autônoma, ética e respeitosa.

Sobre a dimensão dialógico-interativa da língua(gem), reiteramos que a leitura é um ato de interação, tendo como balizador o meio social que envolve o indivíduo, no que compete ao contexto de situação em que a interação se dá, mesmo num contexto mais amplo, envolvendo a cultura e a realidade sócio-histórica.

Nessa direção, para o desenvolvimento de competências, as práticas no processo de ensino-aprendizagem da língua(gem) devem ser fundamentadas nos gêneros, com o propósito de atingir objetivos mais definidos, além de proporcionar o conhecimento e domínio de recursos linguísticos discursivos capazes de provocar e compreender efeitos de sentido.

Pode-se compreender a importância de desenvolver competências linguístico-discursivas, visto que o ser humano está cercado de textos, disseminados em diversos domínios discursivos, expostos verbalmente ou por imagens, sendo a leitura imprescindível para desenvolver a capacidade de interação entre sujeito e mundo.

Levando-se em conta um ensino de Língua Portuguesa pautado na interação e no uso efetivo da língua(gem), pressupomos que o trabalho com a leitura de textos do gênero discursivo reportagem é significativo, sobretudo se se pensar na não passividade na recepção dos textos. É preciso que a construção de sentidos ocorra de maneira processual, fazendo com que o leitor participe ativamente desse ato, por meio de uma leitura não é linear, com a decifração de sentidos (re)construídos por ele.

Partindo da perspectiva de que o leitor é um ser histórico e socialmente situado, a significação que ele atribui a um texto relaciona-se ao contexto de recepção (época, lugar, experiências etc.), com a noção de contexto pressupondo a cultura, com valores, crenças, atitudes, comportamentos e ideologias. Tal abordagem sociocultural da leitura corrobora a teoria de Bakhtin e do círculo (2003), para quem a linguagem manifesta-se na interação, pela permanente e dinâmica atualização dos gêneros, que incluem diálogos cotidianos e enunciações da vida pública, científica, artística, filosófica.

Um dos objetivos da escola é oportunizar aos alunos práticas sociais que se valem da leitura, de maneira ética, crítica e democrática. Para isso, é preciso trabalhar com o gênero como objeto da língua(gem), e esta como unidade de ensino. Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa deve pautar-se em textos que permeiam o cotidiano dos alunos, a exemplo de reportagens, para ampliar o uso da linguagem.

Nesse sentido, esta pesquisa está embasada na concepção de linguagem como ação social, numa perspectiva enunciativo-discursiva, vinculada a situações concretas de uso, relacionada à cultura.

Dito isso, passemos ao estudo da teoria dos gêneros, na perspectiva dialógica *bakhtiniana*, visto que, segundo Bakhtin (2003) e círculo, todo enunciado só pode ser compreendido e interpretado no interior de um gênero.

1.2 Os gêneros discursivos

Alicerçada em bases sociointerativas, a teoria dos gêneros propalada por Bakhtin e círculo (2003) foi um referencial teórico basilar para o estudo empreendido, oferecendo critérios para refletir sobre a função enunciativa do texto e estabelecendo estreita relação entre processos históricos de formação dos gêneros e ações humanas, na pressuposição de que o ato de escolha de um gênero figura como forma de ela inserir-se socialmente e de realizar um plano de comunicação intencional.

Para Bakhtin e o círculo (2003), os gêneros são formas dinâmicas e maleáveis da comunicação entre indivíduos e de expressão de significados, criadas pela sociedade, que funcionam como mediadores entre o enunciador e o enunciatário, com nenhum deles desvinculado do contexto, mas sim contido nas esferas comunicativas, capazes de se adequarem às situações, não modelos predeterminados.

Para Fiorin (2018), ao discutir as ideias *bakhtinianas*, os indivíduos, determinados por objetivos, agem nas esferas de atividades, não inertes, por se transformarem com alterações sócio-histórico-culturais, nem estagnadas, por estarem estreitamente associadas, influenciando-se mutuamente e funcionando de maneira interligada ou híbrida.

Partindo da perspectiva *bakhtiniana*, os gêneros são definidos como enunciados relativamente estáveis, com conteúdo temático, estilo e composição, possibilitando ao interlocutor compreender a função comunicativa deles. Sobre os enunciados, Bakhtin e círculo (2003) pontuam que refletem condições e finalidades de uma e de outra das muitas esferas das atividades, em que a frase não é objeto de investigação, mas sim o enunciado:

[...] as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 280).

Tal estabilidade traz à baila a mutabilidade, com o gênero não apresentando uma estrutura canônica; sendo enunciados relativamente estáveis, pela constante evolução, para atender às necessidades imediatas dos sujeitos na situação comunicativa, resultando em formas-padrão de um enunciado, determinadas socio-historicamente. No enunciado, existe uma dialogização interna da palavra, movida pela palavra do outro. Em

função disso, o enunciador considera discurso de outrem, presente no dele, sendo todo discurso ocupado, permeado pelo discurso alheio. O dialogismo, para Bakhtin e círculo (2003), são relações de sentido estabelecidas entre enunciados.

Todo enunciado só é compreendido por meio do gênero, considerando a teoria de Bakhtin e círculo (2003), para quem as reportagens estabelecem uma relação dialógica com o contexto sócio-histórico da situação, o que suscitará reflexão por parte de quem as lê. Assim, pretendemos perceber as relações dialógicas nos discursos enunciativos.

Segundo Bakhtin e círculo (2003), cada gênero liga-se à cultura, com aspectos sociais relacionados ao espaço e tempo, apropriado à especificidade e à finalidade discursiva, correspondendo a determinado estilo, divididos em primários e secundários. Os primários constituem-se em situações espontâneas, vinculados às experiências pessoais, cotidianas e/ou íntimas: cartas pessoais, bilhetes, convites informais etc. Os secundários, geralmente mediados pela escrita, constituem-se em situações construídas em esferas cujas atividades socioculturais são formais, mais complexas e elaboradas, como, por exemplo, anúncio, reportagens, propagandas, palestras, entrevistas, aulas etc.

Com propósitos comunicativos, para Bakhtin e círculo (2003), eles não são indiferentes às esferas da comunicação humana, mostrando-as, correlacionando-se a elas, mais especificamente, às situações de interação de determinada esfera social. As esferas da atividade humana estão na língua(gem) em uso, em enunciados que refletem as condições específicas e o objeto das esferas pelo conteúdo e estilo verbal (seleção de recursos léxico-gramaticais da língua), mas, antes de tudo, pela composição. O conteúdo temático, o estilo e a composição estão vinculados na totalidade do enunciado e se determinam pela especificidade de uma esfera dada de comunicação.

Convalidando esta proposta com base nos gêneros, vejamos, na sequência, o discurso jornalístico, do qual a reportagem faz parte, e o gênero reportagem, tornando-se necessário um esclarecimento quanto às nomenclaturas notícia e reportagem, em função da oscilação terminológica, para um melhor entendimento do gênero sob análise.

1.3 O discurso jornalístico e o gênero reportagem

A atividade jornalística caracteriza-se como uma ocorrência enunciativa que circunda vários gêneros, cuja dependência vai além do conteúdo, tendo em vista a perspectiva do jornalista frente ao fato e da proposta apresentada ao leitor. Desse modo, diversos gêneros

transitam pela construção composicional dos discursos ou pela relação estabelecida entre os interlocutores.

A partir desse contexto, dada a necessidade de o ser humano se manter atualizado, o jornalismo articula-se em informativo e opinativo. Nessa proposta bipolarizada entre informar (saber o que se passa e descrever os fatos) e opinar (saber o que se pensa sobre o que se passa e construir uma versão para os fatos), é importante explicar que essas duas vertentes não excluem a determinação ideológica. Nessa medida, embora guiado pela objetividade e imparcialidade, o jornalista recorre à interpretação dele para selecionar, hierarquizar e relacionar informações.

Nas palavras de Lage (2001), o jornalismo circula a informação, transportando-a para uma linguagem comum, simplificada e menos precisa, mas com potencialidade suficiente para assentir julgamentos e apontar caminhos de investigação a quem manifestar interesse, cabendo ao jornalista o papel de tradutor de discursos, com cada especialidade, tendo o próprio esquema de desenvolvimento do pensamento, para quem:

[...] o processamento mental da informação pelo repórter inclui a percepção do dito ou do que acontece, a sua inserção em um contexto (o social e, além desse, toda informação guardada na memória) e a produção de nova mensagem, que será levada ao público a partir de uma estimativa sobre de que tipo de informação esse público precisa ou qual quer receber. Em suma, o repórter, além de traduzir, deve confrontar as diferentes perspectivas e selecionar fatos e versões que permitam ao leitor orientar-se diante da realidade (LAGE, 2001, p.10).

Na esteira de Lage (2001), no jornalismo, a interpretação e a investigação são importantes. No jornalismo interpretativo, recorte desta pesquisa, motivo por que não nos detemos no investigativo, a informação evidencia consequências ou implicações dos dados, obrigatórias nas reportagens de cunho científico e de economia, em que a importância ou interesse da informação não é evidente. Tal tipo de jornalismo convém, também, à cobertura política, quando se trata de contextos pouco conhecidos.

Nesse jornalismo, o perigo consiste na possível subordinação da matéria a crenças ou teorias não comprovadas, transformando informação em opinião, com o leitor concordando ou discordando. Mas, tal viés de tendenciosidade torna esse jornalismo fascinante, podendo ser um instrumento moderno para controle das massas, visto com deleite pelos militantes políticos comprometidos em campanhas que visam ao controle da opinião pública.

Segundo Melo (1985), os gêneros que condizem com o universo da informação não têm a manifestação dependente da instituição jornalística – o jornalista dispõe de autonomia para

escrever as reportagens, por exemplo, sem que a instituição em que trabalha seja responsabilizada, e sim da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os jornalistas com os protagonistas deles. Contudo, no gênero opinativo, a estrutura do texto é determinada pela instituição jornalística; nesse caso, o jornalista é influenciado pela instituição na qual se encontra vinculado.

Na esteira de Melo (1985), existem, nessas duas vertentes, notícia, reportagem e entrevista, no jornalismo informativo; e editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta, no jornalismo opinativo. Segundo Lage (2004), esses dois jornalismo, atualmente, convivem com categorias novas, buscando formas de expressão que atendam aos desejos do leitor, com um jornalismo interpretativo e de entretenimento, e comentando particularidades da vida cotidiana.

Pelo exposto, destacamos a importância do discurso jornalístico nas aulas de Língua Portuguesa, por suscitar atitudes reflexivo-críticas diante dos fatos divulgados, contribuindo à formação de cidadãos participativos e atuantes na sociedade.

O gênero discursivo reportagem apresenta informações específicas de situações observadas de forma direta, com estruturação da narrativa marcada por escolhas presentes em diversos gêneros jornalísticos. Apesar de narrar acontecimentos, não há narrativa pura nela, por, além de narrar, descrever e argumentar fatos e acontecimentos. A partir dessa hibridização, ela informa, emociona, analisa, interpreta, contextualiza, mostra personagens, lugar, divulga números etc.

Segundo Bahia (1999), a reportagem é notícia; mas nem toda notícia é reportagem, pois ela não muda de natureza, mudando de caráter ao evoluir para reportagem; apresenta composição discursiva confundida com notícia, no momento em que passou a ser concebida como pertencente à categoria informativa, precipuamente no aspecto teórico. A base da notícia é o fato, e da reportagem, o acontecimento, permitindo aprofundar a realidade, em contraste com a fragmentação nas notícias.

Ademais, nas palavras de Bahia (1999), a mudança da notícia para a reportagem ocorre quando além de notificar, detalhar, no questionamento de causa e efeito, na interpretação e no impacto, ocorrer uma narração, para quem a estrutura do gênero reportagem apresenta: (i) título (corresponde ao anúncio do fato em si); (ii) primeiro parágrafo, cabeça ou *lead* (corresponde ao clímax); e (iii) desenvolvimento da história, narrativa ou texto (corresponde ao resto da história, à narrativa dos fatos).

O primeiro parágrafo relata o que há de principal nos acontecimentos, devendo conter respostas aos seguintes questionamentos: o quê? quem? quando? onde? como? por quê? Todavia, responder a estas questões não é a chave para a organização de uma reportagem, uma vez que requisitos outros têm de ser ponderados: linguagem clara, fidelidade aos fatos, veracidade, para manter o interesse do público.

Muitos autores consideram a reportagem um hibridismo entre a informação e a interpretação, entre os quais Yanes (2004), visto como uma mistura de gêneros que constrói um novo gênero, mais completo e diversificado, ao mesmo tempo em que é informativo, pode ser opinativo, quando aborda assuntos voltados à atualidade. Marcuschi (2008) também destaca o hibridismo do gênero reportagem à medida que a constituição dele absorve ou utiliza-se de muitos outros gêneros, para quem:

É bastante comum nos órgãos de imprensa que [...] se proceda à hibridização como forma de chamar mais a atenção e motivar a leitura. De algum modo, parece que essa estratégia tem o poder quase mágico de levar as pessoas a interpretarem muito mais e com mais intensidade o que ali está (MARCUSCHI, 2008, p. 168).

Para Lage (2001), a reportagem é um recurso de transmissão de informação, com assuntos complexos e amplos, expandindo os conhecimentos dos leitores sobre assuntos relevantes à sociedade. Como produtor de reportagens, o jornalista investiga acontecimentos, sendo resultado desta busca uma produção sem se limitar ao fato ocorrido com a notícia. Sendo assim, ela é fruto de uma seleção contínua, com início na temática, nas fontes de informação, na seleção lexical e no estilo de narrativa mais apropriada à abordagem proposta, com marcas da subjetividade do jornalista podendo ser encontradas em cada modo de seleção, em cada predileção de como as informações se articulam. Ainda que não se mostre abertamente, o jornalista deixa entrever-se pelas escolhas e pelo tom que emprega ao narrar ou comentar fatos.

Ainda na abordagem de Lage (2001), a reportagem aproxima-se do gênero artigo de opinião, à medida que apresenta traços que evidenciam a relevância da autoria do texto. Contudo, é necessário o autor respeitar os fatos, não apresentando uma opinião contrária, pois o papel da avaliação cabe ao leitor.

De mais a mais, ela se caracteriza-se, por Lage (2001), com linguagem menos rígida, permitindo ao repórter demonstrar claramente a interpretação dos fatos, na primeira pessoa, com pauta planejada, a partir de acontecimentos que despertem o interesse do leitor, e não apenas como o desdobramento de fatos. Na programação dela, ocorre o levantamento de

anteriores, investigação e exploração dos acontecimentos, incluindo: assunto, fato gerador de interesse, natureza da matéria (exposição de tema, narrativa, etc.) e o contexto, linha editorial, definição mais precisa do que se espera em termos de aproveitamento, recursos e suporte técnico disponíveis.

Vejamos a seguir o modo como as reportagens se classificam, construídos a partir de conceitos aplicados ao gênero, para atender a uma expectativa profissional.

Quadro 1- Classificação de Reportagem

Classificação	Características
Reportagem objetiva	Construção de argumentos a partir de entrevistas ou dados numéricos extraídos a partir de informações oficiais e/ou relatórios
Reportagem de retrospectiva	Argumentação a partir de dados recuperados no passado para contextualizar a informação presente ou propor reflexão sobre o futuro
Reportagem de profundidade	Reunindo modelos de reportagem objetiva e de retrospectiva em um só, aponta novos dados que revelam aspectos concretos de notícias de grande importância
Reportagem de investigação	Adota técnicas avançadas de reportagem, a exemplo de RAC (Reportagem Assistida por Computador), segundo Lage (2004)

Fonte: Elaboração própria a partir dos conceitos de Yanes (2004) sobre o gênero reportagem.

Nesse contexto, a reportagem figura como uma notícia estendida, cuja circulação ocorre em diversos suportes, para persuadir desde a constituição dela, tanto formal quanto linguística. Como exemplo, citamos reportagens em jornal *online*, se comparadas a outras em jornais semanais impressas, pois assumem formatos diferenciados, desde o suporte até a interferência do leitor a que se destinam. Nossa pesquisa alinha-se com uma abordagem voltada às reportagens de profundidade, por se valer de dados oficiais, atuais ou do passado, na construção de argumentos nas notícias de relevância à sociedade, apontando dados novos que revelam aspectos concretos.

Segundo Seixas (2004), na reportagem, os jornalistas que assinam a matéria e a equipe de produção são os comunicadores, e os jornalistas e a instituição jornalística são os locutores, porque a instituição representa o “ser” que existe antes da configuração do texto, o elemento com o qual o leitor se identifica. O enunciador é a própria instituição jornalística, a responsável pela mediação da mensagem.

É notório o poder da mídia sobre o comportamento das pessoas, por ter a capacidade de incitar atitudes, construir valores de modo a favorecer a consolidação de ideologias, muitos

delas hegemônicas. Assim, uma proposta de ensino, alicerçado no gênero reportagem, ao buscar desenvolver a criticidade dos alunos, possibilita o aprimoramento da compreensão crítica da realidade e a ampliação da competência leitora de alunos do ensino fundamental.

Desse modo, sugerimos práticas de ensino do gênero, para que os professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental possam colocar em prática, tendo em vista a compreensão de como funciona o gênero discursivo reportagem em nossa sociedade e do papel ideológico e comunicativo da mídia.

Para atingir tal propósito, cabe, inicialmente, apresentar um percurso da história dos estudos linguísticos, no que se refere à Análise do Discurso de linhagem francesa, com alguns conceitos elaborados nessa área e que foram utilizados nesta pesquisa. Nessa medida, os tópicos subsequentes pretendem explicar fundamentos da Análise do Discurso.

1.4 Análise do discurso: primeiros momentos e conceitos basilares

Antes de discorrer sobre a Análise do Discurso francesa, ressaltamos que ela não pensa os enunciados fora do contexto, voltando-se aos efeitos de sentidos produzidos a partir de textos, considerando a enunciação, o lugar em que foram produzidos e interpretados, quem proferiu e/ou interpretou e o lugar social ocupado por eles.

No final da década de 1960, em 1969, a Análise do Discurso de tendência francesa passou a constituir um campo de pesquisa com notoriedade, com o lançamento do número 13 da revista *Langages*, intitulada “A Análise do Discurso”, e com a publicação do livro “Análise Automática do Discurso”, em 1969, 1ª edição, de Pêcheux. Tal obra pretendia questionar o estruturalismo linguístico com as exclusões estabelecidas por Saussure quando do estabelecimento da dicotomia entre língua e fala.

Desde os primórdios, a Análise do Discurso francesa, nos trabalhos de Pêcheux, constitui-se por um caráter interdisciplinar, articulando-se com a Linguística¹(estruturalismo),

¹**Linguística** - o conceito de estrutura e por ser uma ciência da linguagem, com rigor científico.

Marxismo- Althusser, em *Aparelhos Ideológicos do Estado*, amplia o conceito de ideologia de Marx e Engels, para quem a ideologia deve ser identificada como a separação que se faz entre a produção de ideais com as condições sócio-históricas em que são produzidas.

Psicanálise- A partir da descoberta do inconsciente em Freud, o conceito de Sujeito sofre uma alteração significativa nas ciências humanas. Lacan, ao reler Freud, busca no Estruturalismo, baseado em Saussure e Jakobson, um novo conceito de inconsciente: estruturado a partir de uma cadeia de significante, tendo como característica principal a repetição e a interferência no discurso efetivo, como se houvesse um já-dito, um discurso atravessado por outro, o discurso inconsciente.

o Marxismo (materialismo histórico, com base nas releituras de Althusser de textos de Marx) e a Psicanálise (com releituras de Lacan de Freud).

Percebendo-se as limitações impostas pelo corte *saussuriano*, com a predominância da linguística da língua, em detrimento da fala, num alto grau de abstração, surgiu a Análise do Discurso que visava ao discurso, desprezando o estudo da língua em si mesma e por ela mesma, buscando não o sentido verdadeiro dele, mas o real do sentido em sua materialidade linguístico-histórica (ORLANDI, 2005).

Como o nome especifica, o objeto de estudo dela é o discurso. Contudo, entender o conceito dele pode ser complexo. Segundo Fernandes (2005, p. 22): “[...] discurso não é língua, nem texto, nem fala, mas que necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material.[...] ele implica exterioridade à língua, está no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística”. Ele é visto do contexto linguístico ao extralinguístico, com condições de produção que o regulam, fornecendo dados à compreensão da enunciação. Para Orlandi (2002), as condições de produção, no sentido estrito, envolvem contexto imediato; no amplo, o contexto sócio-histórico-ideológico.

Posto isso, as condições de produção atrelam-se ao discurso e à linguagem, imbricadas no sentido: “[...] integrante da noção de discurso, encontra-se a noção de **sentido** compreendida como **efeito de sentido** entre sujeitos em interlocução (sujeitos se manifestando por meio da linguagem)” (FERNANDES, 2005, p. 21, grifos do autor).

Nessa direção, o discurso “[...] é palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2002, p. 15), com ele podendo mudar de curso e se desenrolar para acompanhar as mudanças humanas. Analisar discursos é analisar sujeitos falando, produzindo sentidos, produtos da ideologia das pessoas e das condições sociais em que vivem.

Assim, discurso e ideologia se entrelaçam, manifestando-se no discurso: o sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual são produzidas, nos termos de Fernandes (2005).

O discurso faz-se presente em elementos que não se voltam totalmente à linguística, e sim “[...] a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando são pronunciadas” (FERNANDES, 2005). O discurso não é a linguagem, mas, por meio dela, ele se materializa. Atrelada à noção de discurso, encontra-se o sentido. Ao falarmos de sentido, não falamos apenas da significação das palavras, mas dos sentidos produzidos entre sujeitos quando da

manifestação por meio da linguagem, já que só há produção de sentidos em virtude da ideologia² de cada sujeito.

O discurso não pode ser concebido fora do sujeito nem este fora da ideologia. Por meio da linguagem, o sujeito se constitui, e, nela, ficam as marcas desse processo ideológico, para o qual a linguagem não é neutra, mas repleta de ideologias advindas das formações ideológicas existentes. Por essa via, percebemos que “[...] o discurso é o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos (MAINGUENEAU, 2005, p.54-57)”.

Segundo Fernandes (2005), pelas releituras teórico-metodológicas *pecheutianas*, pode-se afirmar que os estudos da Análise do Discurso não se desenvolveram de uma só vez, passando por três períodos distintos, revisando e reformulando postulados e conceitos, pois nem sempre o sujeito foi visto como dialógico, dos quais falamos a seguir. Em cada um deles, o sujeito foi compreendido de modo diferente.

A **primeira fase** é resultante de uma posição estruturalista que via o discurso como homogêneo, com o sujeito formulado a partir das ideias de Althusser, visto como assujeitado, mas iludido ao pensar ser a fonte do discurso (FERNANDES, 2005). O sujeito, pelos Aparelhos Ideológicos do Estado (tribunais, exércitos, prisões, polícias etc.), é um ser social, ocupando posições no discurso, e não individualizado. Nas palavras de Pêcheux (1990):

Um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesmo, de tal modo que um sujeito estrutura determina sujeitos produtores de discursos: os sujeitos acreditam que ‘utilizam’ discursos quando, na verdade, são seus ‘servos’ assujeitados, seus ‘suportes’ (PÊCHEUX, 1990, p. 311).

À luz disso, o sujeito era compreendido como assujeitado, dominado pela máquina discursiva, que pode ser, por exemplo, um mito, uma ideologia, por meio do qual Pêcheux revela um sujeito atravessado pela contradição: é autônomo, livre para poder tudo dizer, e submisso por ter de se submeter às relações sociais e à língua ao dizê-lo. Não diz o que quer, quando, como e para quem quer, regulado por práticas sócio-histórico-ideológicas, com o discurso resultante de condições de produção. Assim, tal noção de sujeito apresenta-se como ambígua: há uma subjetividade livre e outra assujeitada a algo, pois se vê submetido às coerções das condições de produção.

² Sem se debruçar no conceito de ideologia, de acordo com Fernandes (2005, p. 29), a ideologia é a visão de mundo de um grupo social durante o processo discursivo. Num lugar histórico, a linguagem condiciona a ideologia, uma materializa-se na outra, sendo, pois “[...] inerente ao signo em geral. Sendo assim, diante de qualquer palavra enunciada, procuramos verificar qual(is) ideologia(s) a integram”.

A **segunda fase** inicia-se com a noção de formação discursiva, marcada por ideias de Foucault (2005), com a inserção da definição dessa formação elaborada por ele, ao procurar compreender as condições histórico-discursivas nas quais se inserem os sistemas de saber, mais adiante reformulada por Pêcheux, assim como a noção de interdiscurso, concebido com a exterioridade que determina a formação discursiva, para analisar diferentes práticas discursivas. Assim, com relação a essa segunda fase:

Começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FS está em relação paradoxal com o seu ‘exterior’: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDs) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências fundamentais (por exemplo sob a forma de ‘preconstruídos e de ‘discursos transversos’) (PÊCHEUX, 1990, p. 314).

Para Orlandi (2002, p. 43): “A noção de formação discursiva, embora polêmica, é básica na AD, pois permite compreender o processo de produção de sentidos, a sua relação com a ideologia e dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no discurso”. Ela determina o que pode e deve ser dito pelo falante, a partir do lugar em que ele se insere – posição social, histórico-ideológica ocupada por ele –, remete a discursos naturalizados que circulam na sociedade, podendo fazer com que um mesmo assunto debatido tenha posições assumidas pelos sujeitos – que podem ou não sofrer alterações –, a depender do momento histórico daquele discurso, relacionada ao conceito de interdiscursividade:

[...] o interdiscurso – a memória discursiva – sustenta o dizer numa estratificação de formulações já feitas, mas não esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos. Sobre essa memória, de que não detemos o controle, que sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando (ORLANDI, 2009, p. 54).

Ainda segundo Orlandi (2009, p. 33), interdiscurso é o “[...] conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos e o esquecimento: pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras”, sendo o que já foi dito e se encontra esquecido.

Para Maldidier (2003, p.38), é nítida a definição de interdiscurso em Pêcheux, desde o momento em que ele relaciona o discurso ao “já dito”, para quem “[...] o interdiscurso não é nem a designação banal dos discursos que já existiram antes, nem a ideia de algo comum a todos os discursos”, sendo “[...] o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as

formações discursivas em relação com as formações de dominação, subordinação, contradição”.

Quando nos referimos à memória discursiva, não se trata de lembranças do passado, recordações que um indivíduo tem do que já passou; é constitutiva do discurso; não a memória individual, mas do fato social. É o interdiscurso, todo o saber, o dizer já dito, “[...] aquilo que fala antes, em outro lugar”, para Pêcheux. É o outro no Eu.

Nessa linha de ideias, a Análise do Discurso, derivada da linha de Pêcheux, defende a tese de que a linguagem relaciona-se à exterioridade, não como algo fora da linguagem, mas “[...] ligada às condições de produção do discurso que intervêm materialmente na textualidade, como interdiscurso (memória do dizer que se volta ao universo do que é dito)” (GUERRA, 2009, p.5), despertando a atenção de estudiosos da língua que, contrários à separação entre os estudos da língua e os estudos dos enunciadores, passam a analisá-la com o contexto de situação e os sujeitos envolvidos na enunciação.

Assim, com a exterioridade, a linguagem é analisada não *como espelho do mundo*, do pensamento, daquilo que pensamos sobre ela, como *instrumento de comunicação*, na transmissão de mensagens, pressupondo somente emissores e receptores de ideais, mas sim, para Orlandi (1998, p: 17), como forma de *ação no mundo* “[...] em que tomar a palavra é um ato social com todas as implicações dele, conflitos, reconhecimentos, relações de poder, construção de identidades etc.”, fruto da interação entre enunciador e enunciatário, ligada ao contexto sócio-histórico-ideológico no qual estão inseridos.

Ressaltamos que Pêcheux trabalhou com os discursos da história e dos políticos, descobrindo, com esses discursos institucionalizados, o poder. A questão dele não era teórica, não estava querendo dizer o que era discurso, e sim encontrar uma maneira de analisá-lo que não fosse o método tradicional do francês de analisar o discurso literário.

Nos termos de Pêcheux (1990), nessa fase, existe, ainda, o sujeito assujeitado à maquinaria da Formação Discursiva, com o “sujeito da enunciação” sendo somente uma ilusão do “ego-eu”. Posto isso, o sujeito não tinha voz própria, predeterminado pela maquinaria a que estava ligado.

A **terceira fase** surgiu com questionamentos do papel dos sujeitos, do espaço da memória e da própria AD, passando a considerar o sócio-histórico como importante ferramenta para as análises, em que a ideia de homogeneidade discursiva perde espaço, havendo “[...] o reconhecimento da não neutralidade da sintaxe; a noção de enunciação passa a ser abordada e as reflexões sobre heterogeneidade discursiva levam à discussão sobre o

discurso do outro (FERNANDES, 2005, p. 83)”. A AD ganha reconhecimento e expande-se como disciplina que “[...] concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2001, p. 15).

Nesta terceira fase, segundo Mussalim (2004, p. 143), “[...] a noção de sujeito sofre um deslocamento que inaugura uma nova vertente, bastante atual da Análise do Discurso”. Agora, como a própria “[...] noção de discurso marcado radicalmente pela heterogeneidade – afirma-se na AD3 o primado do interdiscurso–, tem-se um sujeito essencialmente heterogêneo, clivado, dividido”.

Atualmente, para a Análise do Discurso, a questão primordial não é apenas o sujeito em si, e sim o lugar ideológico de onde enunciam esses sujeitos, um sujeito que, num mesmo texto, se desdobra em vários outros; melhor dizendo, a dispersão dele. Em vista disso, evidenciamos a importância de uma concepção de sujeito na qual a presença do outro se torne elemento tanto indispensável quanto constitutivo do discurso.

Na concepção *bakhtiniana*, a alteridade dá suporte ao dialogismo e constitui a atividade humana, situando-se como cerne da linguagem. Na relação dialógica, não apenas o enunciador influencia na elaboração dos textos, mas também a imagem do “outro” (coenunciador) está sempre presente nessa elaboração dialógica. Na *mis-en-scène*, o coenunciador tem uma grande importância, fazendo-nos perceber que o sujeito só se constitui em uma interação dialógica entre o eu e o “outro”. A partir dela, confere significado aos enunciados produzidos, o que faz com que o mesmo enunciado possa vir a expressar diferentes significados em diferentes contextos comunicativos.

A partir do exposto, percebemos a relevância de se apresentar um esboço histórico da AD, com conceitos que foram sendo constituídos nesse percurso, fundamentais para a realização da análise discursiva empreendida em reportagens sob uma perspectiva política, *corpus* desta pesquisa. Posto isso, passemos ao tópico seguinte, de modo a prosseguir com a explanação de princípios da AD de tendência francesa, nos quais esta pesquisa se filia.

1.4 1 Análise do Discurso: unindo o linguístico e o sócio-histórico

Na Análise do Discurso, dois conceitos tornam-se fundamentais, associando o linguístico ao sócio-histórico: de ideologia e de discurso. Para Brandão (2012), duas tendências influenciaram essa corrente francesa: os conceitos de Althusser, no que se refere à

ideologia, e as ideias de Foucault acerca do discurso, com as noções de discurso e de ideologia atreladas, pois nele que a ideologia se manifesta.

Nessa direção, nas palavras de Pêcheux 1997b, *apud* Fernandes 2005, p 23-24: “O sentido de uma palavra, de uma expressão, [...] não existe ‘em si mesmo’ [...], mas, ao contrário, é determinado por posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico, no qual palavras, expressões são produzidas”.

A ideologia, para Chauí (2008), é como um conjunto de regras que prescrevem o que os membros da sociedade devem pensar, valorizar, sentir e fazer, sendo um dos instrumentos da dominação de classe, utilizada pelos dominantes para a dominação, sem que seja percebida, como tal, pelos dominados, em que a dominação de uma classe passa a ser vista como lícita, justa, boa e válida à sociedade. Ainda, segundo Chauí (2008), a função da ideologia é apagar diferenças entre classes para fornecer aos indivíduos sentimentos de identidade social, como humanidade, liberdade, igualdade, legitimando condutas a serem seguidas por meio da palavra.

Segundo Bakhtin (2014), a palavra é o fenômeno ideológico, por acompanhar e comentar todo ato ideológico, para quem manifestações da criação ideológica, inclusive os signos não verbais, constituem-se no e pelo discurso, por isso não podem ser isoladas nem separadas dele. Assim, as reportagens podem ser entendidas como representações da expressão, da organização e da regulação das relações históricos-materiais dos homens, repletas de ideologias, que, geralmente, os alunos não conseguem perceber e/ou identificar, o que ocasiona uma interpretação equivocada ou inadequada.

A ideologia é exteriorizada por formações ideológicas, que, para Pêcheux (1988, p. 160), são “[...] palavras, expressões, proposições que mudam de sentido segundo posições sustentadas por quem as empregam, cujos sentidos são determinados em relação às formações ideológicas nas quais se inscrevem estas posições [...]”.

As palavras adquirem sentidos dentro da formação discursiva em que são produzidas. Por isso, para a AD, “[...] o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2009, p. 42). Dito de outra forma, a formação discursiva é o lugar de estabelecimento do sentido e da identificação do sujeito, não sendo nada, nem o sentido nem o sujeito dados *a priori*.

Ainda segundo Pêcheux (1988), essas formações ideológicas incluem

[...] uma ou várias *formações discursivas* interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição oral, de um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada (PÊCHEUX, 1988 p. 160 - grifos do autor).

Corroborando essa ideia, para Fiorin (2001, p. 32): “[...] uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo”, cuja visão regula o pensar e os discursos dos sujeitos.

A formação ideológica relaciona-se à definição de formação discursiva, de Foucault, que não se deteve na análise empírica de textos, deixando de lado análises de base enunciativo-discursiva. Para Foucault (2005, p.53), “[...]discurso consiste num conjunto de enunciados que irá remeter a uma mesma formação discursiva”, para quem analisá-la baseia-se na descrição dos enunciados que a compõem.

Segundo Foucault (2005), os discursos são heterogêneos, formados por elementos que não ligados por nenhum princípio de unidade, competindo à AD especificar essa dispersão, estabelecendo regras que oportunizem gerir a formação dos discursos, definidas por Foucault como “regras de formação”. Para Brandão (2012), tais regras

[...] possibilitariam a determinação dos elementos que compõem o discurso: os objetos que aparecem coexistem e se transformam num “espaço comum” discursivo; tipos de enunciação que podem permear o discurso; os conceitos em suas formas de aparecimento e transformação em um campo discursivo, relacionados em um sistema comum; os temas e teorias, isto é, o sistema de relações entre estratégias capazes de dar conta de uma formação discursiva, permitindo ou excluindo temas ou teorias (BRANDÃO, 2012, p. 32).

Essas regras são responsáveis por determinar uma “formação discursiva”, pela forma como as relações entre objetos se apresentam, pelos tipos enunciativos, pelos conceitos e pelas estratégias, de modo a possibilitar a transposição da dispersão para a regularidade alcançada com a análise dos enunciados que compõem essa formação. Para Foucault (1995):

Todo enunciado se encontra assim especificado: não existe enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, apoiando-se neles e se distinguindo deles: ele se integra em um jogo enunciativo (FOUCAULT, 2005, p. 124).

Nesse contexto, a enunciação, segundo Foucault (2005), é uma unidade básica, essencial à formação do discurso, em oposição às noções de frase e de proposição, pois o

enunciado não existe isolado. Contudo, Fairclough (2001) critica Foucault (2005), por conferir à ação humana passividade diante da estruturação disciplinar da sociedade, considerando o sujeito manipulado pelas relações de poder, não se opondo a práticas dominadoras. Em que pese isso, as ideias dele foram significativas para a Análise do Discurso, por buscar estabelecer a constituição de saberes, apoiando-se nas relações entre formações discursivas e as instituições, pois discursos “portam” relações de poder.

Ademais, cumpre enfatizar a diferença que entre discurso e texto e entre enunciado e frase. Para os analistas do discurso, a partir do texto, os significados são tecidos, importando as condições de produção. A investigação dessas condições do discurso jornalístico, por meio da análise de reportagens, é crucial para conhecer posicionamentos assumidos, o porquê de se transmitir informações de tal forma, como o discurso se estrutura e se articula com as práticas.

Os sujeitos discursivos são questionados pelas formações discursivas que representam as formações ideológicas que lhes representem. A ideia de formação discursiva atrela-se às condições de viabilidade dos discursos, relacionados à ideologia dos sujeitos. Para além da formação discursiva e das condições de produção, devemos nos atentar, visando à análise que foi realizada nas reportagens sobre pandemia, num viés político, ao fato de o discurso jornalístico está atravessado pela interdiscursividade.

Para Maingueneau (1994), é essencial não o discurso, numa análise, mas o lugar em que trocas entre discursos acontecem, sendo importante o estudo das particularidades dele e sua relação com outros. Para além disso, o interdiscurso passa a ser um lugar estável em que outros discursos são apenas peças que o compõem.

Embora discursos tenham identidade formada pelas relações interdiscursivas, eles não formam a identidade de maneira independente, isolada, mas sim em conjunto. Segundo Maingueneau (1994), o interdiscurso, por ser autônomo, acontece por relações semânticas, reportando-se a outros, ou seja, semanticamente, o discurso ocorre em um espaço de trocas, sem uma identidade fechada.

O funcionamento da linguagem, na visão de Pêcheux (1990, p. 82), não se constitui simplesmente como informação, e sim pela forma como os sentidos são produzidos pelos sujeitos e pelo jogo de efeitos de sentidos que são construídos, repletos de ideologias, para quem: “[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”.

Os discursos predeterminados possuem uma história cultural que perpassa gerações, tornando-se mais forte e vista como fato incontestável e sendo, para Pêcheux:

[...] uma sequência linguística de dimensão variável, geralmente superior à frase, referida às condições que determinam a produção dessa sequência em relação a outros discursos, cujas condições são propriedades ligadas ao lugar daquele que fala e àquele que o discurso visa, isto é, àquele a quem se dirige formal ou informalmente, e ao que é visado pelo discurso (PÊCHEUX, 2015, p. 214).

Nesse caminho, o discurso tem seu sentido constituído, endossado pelo tempo e espaço, para o qual enunciador e o coenunciador convertem os dizeres que admitem em verdades pré-estabelecidas pelo simbólico, reputando o simbólico como a capacidade de o ser humano (re)significar práticas e, pela linguagem, produzir sentidos.

O discurso é construído visando ao sujeito e ao contexto, atentando-se ao contexto imediato, sócio-histórico-ideológico, ou seja, à formação discursiva do sujeito, ao lugar e à posição social do sujeito no discurso constituído pela e na sociedade. Para Brandão (2012), o discurso ser compreendido como campo de regularidades altera a atribuição do sujeito no processo de organização da linguagem, suprimindo-o como produtor de significações.

Com a formulação da teoria do enunciado, nos termos de Brandão (2012), Bakhtin e o círculo (2003) atribuem um lugar privilegiado à enunciação com realidade da linguagem, em que a matéria linguística é uma parte do enunciado; existindo, também, a não verbal, atrelada ao contexto da enunciação. Nessa perspectiva, o enunciado é colocado como objeto dos estudos da linguagem por Bakhtin e círculo (2003), atribuindo à enunciação a função de necessária à compreensão e explicação da estrutura semântica de todo ato de comunicação verbal. Ainda, de acordo com Brandão (2012),

[...] como através de cada ato de enunciação, se realiza a intersubjetividade humana, o processo de interação verbal passa a constituir, no bojo de sua teoria, uma realidade fundamental da língua. O interlocutor não é um elemento passivo na constituição do significado. Da concepção do signo linguístico como um “sinal” inerte que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato, passa-se a uma outra compreensão do fenômeno: à do signo dialético, vivo, dinâmico (BRANDÃO, 2012, p.8).

Por fim, numa visão geral, reafirmamos a importância do enunciado e da linguagem, não concebida sem a ideologia, em que “[...] linguagem e ideologia são vinculadas, esta

materializa-se naquela. Ideologia é inerente ao signo geral” (FERNANDES, 2005, p. 29), com cada sujeito sendo interpelado pela ideologia.

Dependendo do meio em que vivem, da formação, das vivências por que passam, os enunciadores de discursos expressam, de modo inconsciente, falas interiorizadas de competências adquiridas, (re)produzindo enunciados que pertencem à formação discursiva deles, constituindo-se como sujeitos discursivos. Eles podem identificar formações discursivas antagônicas e incompatíveis com a formação discursiva ou posicionamento deles, ou seja, eles, sujeitos discursivos, conseguem adequar o discurso proferido às regras do posicionamento discursivo dele, atendendo às proibições, às exigências que lhe são imputadas por cada sistema de restrição:

Esse sistema de restrições deve ser concebido como um modelo de competência interdiscursiva [...]. Postulamos, nos enunciadores de um discurso dado, o domínio tácito de regras que permitem produzir e interpretar enunciados que resultam de sua própria formação discursiva e, correlativamente, permitem identificar como incompatíveis com ela os enunciados das formações discursivas antagonistas (MAINGUENEAU, 2005, p. 23).

Na análise discursiva empreendida, consideram-se as formações discursivas do Chefe do Poder Executivo, a fim de investigar como ele se estabelece como sujeito discursivo, o posicionamento assumido no discurso proferido por ele, levando-se em conta divergências ocorridas e ocasionadas pelas formações imaginárias contidas na memória discursiva dele.

Dito isso, no tópico seguinte, abordamos o dialogismo e a heterogeneidade discursiva, uma vez que não se produz enunciados sem fazer menção a outros já concebidos, sem estabelecer, em algum momento, um diálogo com eles.

1.5 O dialogismo e a heterogeneidade discursiva

1.5.1 O dialogismo *bakhtiniano*

Para Bakhtin (2014, p. 272), toda língua apresenta um caráter dialógico, na qual o enunciado, perpassado pelo dizer, pela palavra do outro, figura, num movimento dialógico, como fundamental à compreensão da enunciação, sendo “[...] um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”, em que nenhum enunciado é o primeiro ou

será o último, compondo apenas uma parte intermediária de uma cadeia infinita, sempre relacionados, em maior ou menor grau, a outros enunciados passados e a outros que existirão.

Nesse contexto, o dialogismo “[...] refere-se às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos” (FERNANDES, 2005, p. 37, *apud* BRAIT, 1997, p. 98), não se produzindo enunciados sem fazer alusão a outros já produzidos, sem dialogar com eles em algum nível, sendo a enunciação um fenômeno social, e não individual. Nessa direção:

Um enunciado vivo, significamente surgido num momento histórico e em num meio social determinados, não deixa de tocar em milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência socioideológica em torno do objeto de tal enunciado e de participar ativamente do diálogo social. De resto, é dele que o enunciado saiu: ele é como sua continuação, sua réplica [...] (BRANDÃO, 2012, p. 53).

Na discussão de um tema, elabora-se a mensagem como resposta a outras que a precederam, com a influência de discursos outros, conforme Bakhtin(2014). Outrossim, esses enunciados produzidos endossam ou recusam outros que os antecederam, tal como serão endossados ou recusados pelos que virão depois, cujo procedimento expõe a multiplicidade de vozes que se entrecruzam nos gêneros. Ao dizer algo, o falante não o faz com ineditismo, mas porvozes outras que atravessam o discurso dele; contudo, na materialidade textual, o que torna essas vozes visíveis é o discurso citado.

Assim,o caráter dialógico do discurso pode ser revelado em textos do gênero reportagem, uma vez que, além de instituírem diálogo com outros, o jornalista está em contato com o leitor e fontes selecionadas.Para tanto, conforme Bakhtin e o círculo (2003), o autor em nenhum momento está só, o texto nunca é o primeiro, original, já que faz alusão a textos anteriores ou servirá de referência a textos posteriores, em que o único fato de enunciar o que quer que seja pressupõe a existência do outro.

Na sequência, ressaltamos a concepção de heterogeneidade discursiva, introduzida na AD por Authier-Revuz (1990), para quem a enunciação se institui de uma multiplicidade de vozes no discurso.

1.5 2 A heterogeneidade discursiva

O conceito de heterogeneidade discursiva incorporou-se à Análise do Discurso por Authier-Revuz (1990), com base no dialogismo *bakhtiniano*. Segundo Brandão (1998), ao

fazer a análise da teoria do dialogismo, ela nos impele a acreditar que o sujeito não pode ser percebido como ser único e fonte de sua palavra, visto que este pertence a um corpo histórico-social que se inter-relaciona com outros discursos de que se apodera ou perante os quais se posiciona (ou é posicionado) para conceber sua fala.

Reconhecendo diferentes possibilidades de existência de múltiplas vozes no discurso, essa atilada linguista trouxe à baila os termos **heterogeneidade mostrada** e **não mostrada**, com incidências de vozes implícitas e explícitas de terceiros, na defesa de que a enunciação se constitui de vozes distintas, com palavras empregadas pelas pessoas sendo palavras dos outros, na fusão de falares sociais que podem até criar novas maneiras de dizer, híbridas, mas que nunca lhes pertencem totalmente.

Sobre a **heterogeneidade constitutiva**, ela assevera ser como um tipo de polifonia que, ainda que de forma instintiva e imperceptível até pelo próprio falante, existe em função de um processo inconsciente de apropriação de outros enunciados, não detectável na superfície textual, mas estando presente no discurso por ser intrínseco a ele e por ser resultado do caráter dialógico inerente a todos os discursos.

Nela, “[...] nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, [...] ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’ [...]”, isto é, os discursos são fundamentalmente heterogêneos (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27). Portanto, segundo Authier-Revuz (1990, p. 28), “Sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso”.

Já na **heterogeneidade mostrada**, afirma aparecer no explícito, entreposta espontaneamente pelo falante no enunciado e identificável para o interlocutor, constituindo um fragmento reportado entre os elementos linguísticos, perceptível na enunciação e na materialidade linguística, a exemplo do uso de citação por aspas, uso de itálico ou de uma referência a outro discurso. Nela, o “eu” se posiciona como sujeito do discurso, em que, por um ato individual de apoderamento, inclui aquele que fala em sua fala, de modo a reforçar, confirmar e assegurar a identidade do “eu”, conferindo corpo ao discurso e dando forma ao sujeito enunciador.

Sendo assim, ela é empregada se se quer especificar que se trata de um trecho que é, de certo modo, alheio, exterior ao enunciado, por ser de outro(a) língua, registro, suporte, discurso, ou mesmo de outro enunciador. Nos termos dessa linguista, essa delimitação de algo como sendo exterior é que constrói a identidade do discurso.

Nesse contexto, podemos apontar as relações interdiscursivas, a partir da análise do discurso proferido pelo Chefe de Estado, em reportagens sobre a pandemia, observando como ele se constrói discursivamente e quais as marcas se evidenciam, para que possamos observar e averiguar o *ethos* instaurado nos discursos dele.

À vista disso, no tópico subsequente, discorreremos sobre o *ethos* que, na perspectiva de Maingueneau (2005), consiste na imagem que o enunciador projeta de si e do outro no processo de enunciação.

1.6O *Ethos*

Para Maingueneau (2005), o *ethos* permite, além da argumentatividade persuasiva, uma reflexão sobre um processo mais global que evoca a adesão de sujeitos a um posicionamento discursivo. Assim, a noção de *ethos* pode ser definida, segundo ele, como a projeção da imagem que o enunciador faz de si mesmo e do outro, no decorrer do processo de enunciação. Tal projeção possibilita que o coenunciador construa, por meio do discurso, a personalidade assumida pelo enunciador ao longo da interação verbal.

Ainda segundo Maingueneau (2005), o *ethos* está ligado ao exercício da palavra, ao papel a que corresponde seu discurso, e não ao indivíduo ‘real’, apreendido independentemente de sua atividade oratória. Com efeito, o *ethos*, como imagem ligada àquele que fala, não configura como uma propriedade privativa do enunciador, sendo, antes de tudo, a imagem modificada por aquilo que é dito por ele.

Na esteira das ideias dele, o *ethos* está relacionado a enunciação, e não a um saber extradiscursivo sobre o enunciador, em que:

Persuade-se pelo caráter (*ethos*) quando o discurso é de tal natureza que torna o orador digno de fé, porque as pessoas honestas nos inspiram uma confiança maior e mais imediata.
[...] Mas é necessário que esta confiança seja o efeito do discurso, não de um juízo prévio sobre o caráter do orador (MAINGUENEAU, 1995, p. 70)

Em um aspecto mais objetivo, podemos dizer que o *ethos* se divide entre o registro do que é “mostrado” e do que é “dito”, cuja eficácia perpassa pela enunciação, sem, contudo, ser evidenciado no enunciado. Se o *ethos* está relacionado à enunciação, inevitavelmente, suscita representações deste pelo ouvinte, antes mesmo de o enunciador falar.

Contudo, em consonância com Maingueneau (1995), no cenário político, as coisas podem ser diferentes, posto que, o fato de o político aparecer na mídia faz com que o *ethos* seja associado a enunciação de forma a confirmar ou informar. Não obstante, mesmo que o coenunciador não saiba nada a respeito do caráter do enunciador de antemão, apenas pelo texto dado pertencer a um gênero discursivo ou a um determinado posicionamento ideológico, incita perspectivas com relação ao *ethos*.

No que concerne ao discurso político, percebe-se que o político empenha-se em projetar a imagem dele através do discurso proferido por ele, como artifício para “conquistar” o coenunciador, de tal forma que este compartilhe das ideias dele. Nesse viés, Maingueneau (1995) evidencia o tom específico que possibilita a vocalidade, de forma a instituir uma dimensão que faz parte da individualidade de um posicionamento discursivo. Assim sendo,

O universo de sentido que o discurso libera impõe-se tanto pelo *ethos* quanto pela “doutrina”; as “ideias” apresentam-se por uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser, à participação imaginária em um vivido. O texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um coenunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir “fisicamente” a um certo universo de sentido. O poder de persuasão de um discurso decorre, em boa medida, do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à figura desse “fiador” que, mediante sua fala, se dá uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele faz surgir em seu enunciado. Paradoxo constitutivo: é por seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer (MAINGUENEAU, 1995, p.73).

Dessa forma, somos compelidos a nos distanciar de um posicionamento que apresenta o discurso a partir de noções como “procedimento” ou “estratégia”, cujos conteúdos independem da cena de enunciação assumidas por eles, conforme veremos na sequência.

1.7 Cena de enunciação

Segundo Maingueneau (2015), o gênero discursivo reveste a totalidade das atividades discursivas que emana do regime instituído. No entanto, tendo em vista a necessidade de avanço na análise, o autor propõe que tais atividades sejam abordadas em termos de **cena de enunciação**, de forma a reprimir o uso de termos como “situação de enunciação”, que possui uma estrutura linguística e “situação de comunicação”, cuja utilização pode ocorrer a partir de

uma perspectiva unicamente sociológica, em que a atividade de fala é retratada de algum modo, a partir do exterior.

Na cena enunciativo-discursiva, são importantes o (co)enunciador, em que o enunciador revela a complexidade da enunciação, e o coenunciador orienta o discurso, com o jogo de imagens de ambos. As imagens são formadas visando à sociedade em elesse inserem, as posições sociais que ocupam e os diferentes papéis sociais assumidos. A partir disso, as imagens são elaboradas, e o discurso construído.

Ao longo da vida, os papéis sociais assumidos pelas pessoas ajudam a orientar a elaboração dos discursos³ e são as imagens que fazemos delas, como ocupantes de posição social, que levamos em conta na elaboração do nosso discurso. Assim, a construção da imagem do outro e a imagem de si mesmo orientam a elaboração discursiva, sendo os enunciadores capazes de criarem diferentes imagens deles, dependentes dos coenunciadores e do contexto enunciativo. Para Bakhtin (1978):

A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação (BAKHTIN, 1978, p. 125).

Nesse sentido, se se pensar que (co)enunciadores ocupam lugares e papéis sociais, inseridos num ato enunciativo único e repetível, orientando a elaboração e elocução do discurso, simultaneamente, todo texto é individual (ainda que já tenha sido dito, exatamente daquela forma, nunca aconteceu antes, naquela mesma situação) e coletivo (faz parte de um gênero, de uma situação comunicativa, porque há sujeitos que articulam o discurso e assumem papéis sociais para proferi-los).

Preocupando-se com (co)enunciadores, constitutivos de discursos proferidos, a AD convalida, também, a importância das condições de produção, compreendendo a língua num processo evolutivo, estabelecendo um vínculo com a sociedade, responsável pela comunicação entre os falantes e existência de uma sociedade.

De mais a mais, a utilização do termo “cena” ainda dispõe do benefício de referenciar tanto a um quadro quanto a um processo, concomitantemente, em que a cena corresponde a um espaço adequadamente definido, tendo as peças e as sequências das ações, tanto verbais

³ Ressaltamos que o discurso é orientado pelo papel social assumido pelo enunciador e pelo coenunciador. Por exemplo, o papel social assumido por um presidente deve ser condicionado à posição que ocupa como homem público.

quanto não verbais, representadas, conforme destaca Maingueneau (2015). Nesse viés, a cena de enunciação de um gênero discursivo não apresenta um conjunto ínfimo, uma vez que assimila e faz interagir três cenas intituladas por Maingueneau (2015) de: **cena englobante**, **cena genérica** e **cenografia**.

A cena englobante refere-se ao tipo discursivo; a genérica, a combinação relativa a um gênero, ou melhor, a uma “instituição discursiva”; e a cenografia, não é determinada pelo gênero, mas construída pelo texto. Segundo Maingueneau (2015), a cena englobante configura a definição mais utilizada de “tipo de discurso”, resultado do recorte de uma instância da atividade social qualificável por gêneros discursivos. No que se refere à cena englobante política, cuja temática corresponde a nossa pesquisa, tem como pressuposto uma relação que envolve um “cidadão” direcionando-se a “cidadãos”, no tocante a temas de relevância global. Nas palavras de Maingueneau:

Os produtores de discurso derivados de determinada cena englobante devem, por meio de sua enunciação, mostrar que se conformam aos valores prototipicamente relacionados ao locutor pertinente para o tipo de atividade verbal em pauta: assim, um político deve ser “um homem de convicções” um funcionário, um homem “devotado” ao serviço público etc. (MAINGUENEAU, 2015 p.119).

Doravante, quando um texto é preservado e reutilizado em um contexto diferente, poderá apresentar cenas englobantes distintas da enunciação inicial. Portanto, em uma situação iminente, cabe ao pesquisador, com base em objetivos, decidir em que ponto irá estabelecer a cena englobante. No entanto, enunciar, para Maingueneau (2015), não consiste somente em acionar as diretrizes de uma instituição discursiva precedente, e sim promover a construção, baseando-se numa cena singular de enunciação: uma **cenografia**, para quem a concepção de cenografia

[...] se apóia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima. Esta é imposta logo de início, mas deve ser legitimada por meio da própria enunciação. Não é simplesmente um cenário: ele legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual a fala vem é precisamente a cenografia requerida para enunciar como convém num ou noutro gênero de discurso. (MAINGUENEAU, 2015, p.123).

Desse modo, a cenografia é, simultaneamente, de onde provém o discurso e aquela que o delinea, legitimando um enunciado que deverá legitimá-la, de forma a estabelecer que a cena, na qual o discurso se revela, é justamente a que foi convenientemente requerida para enunciar o conteúdo definido. Nessa direção, por meio do desenvolvimento do conteúdo ao longo do discurso, é possível definir e confirmar a cena e o *ethos*, segundo o qual o conteúdo emerge, em que o leitor reestrutura a cenografia de um discurso com a colaboração dos mais variados indicativos. Tais descobertas se fundamentam na percepção do gênero discursivo enquanto nível de língua, de ritmo, etc., inclusive em questões explícitas.

Como em toda situação comunicativa, numa cenografia, a imagem do enunciador e correlativamente do coenunciador são relacionados, segundo Maingueneau (2005, p.77), “[...] a uma cronografia (um momento) e a uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso surge”. Nesse contexto, Maingueneau (2005) destaca que, no discurso político, uma multiplicidade de cenografias é possível, pois o ator político pode assumir diversas identidades: de executivo, operário, homem experiente, etc., e conceder “lugares” que correspondem ao público a que pretende atingir.

As palavras significam pelo lugar social assumido pelo enunciador no discurso. Assim, os lugares sociais assumidos pelos sujeitos permitem a eles dizer coisas que não poderiam ser ditas em outras situações discursivas. As palavras estão em cada situação, em um jogo imaginário que acaba por aceitar a troca delas, não importando, na cena enunciativo-discursiva, o ser empírico, mas a posição discursiva ocupada por ele, pois se constitui como sujeito discursivo pela inserção dele numa formação discursiva. Assim, as palavras dele adquirem um sentido a partir do papel social assumido.

Assim, no momento em que um político de extrema direita demonstra, por meio da enunciação, a imagem de um homem preocupado com as demandas do povo, comprometido com a veracidade, independentemente de qualquer coisa, ele determina, mesmo que de forma velada, o que é, legitimamente, o discurso político.

Posto isso, finalizamos o aporte teórico e apresentamos, na sequência, os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo objetiva apresentar os procedimentos metodológicos desta pesquisa. No que se refere à metodologia, a abordagem adotada é aqualitativo-interpretativa que possibilita, a partir das análises engendradas nas reportagens que compõem o *corpus* desta pesquisa, uma interpretação dos efeitos de sentido produzidos, a partir do contexto sócio-histórico-ideológico.

Quanto ao método de pesquisa, opta-se pela pesquisa bibliográfica, com investigação em material teórico, agregando concepções e posicionamentos no que concerne ao tema em estudo. Para Gil (2008), a pesquisa bibliográfica:

[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo (GIL, 2008, p. 50).

Além disso, a pesquisa é documental, valendo-se de prescritos (BNCC). Corroborando com a perspectiva de ensino de língua materna da BNCC, a linguagem é explorada como atividade enunciativo-discursiva, segundo a qual, por meio do processo de interação entre os indivíduos, o discurso se organiza, na consideração de condições de produção, finalidades e intenções comunicativas de quem o produz. A BNCC adota o texto/discurso como centralidade da unidade de trabalho, imbricado nos contextos de produção, e o aprimoramento de habilidades na utilização da língua(gem) em atividades que envolvam o processo de leitura.

A proposta de pesquisa parte da sugestão para a realização de uma pesquisa-ação. Inicialmente, seria desenvolvida uma pesquisa-ação, com uma proposta de intervenção, pela professora-pesquisadora, em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Santa Rita, da cidade de Januária-MG. Todavia, com a interrupção das aulas na modalidade presencial, em decorrência da pandemia provocada pelo novo coronavírus, foi necessário um redimensionamento da proposta pedagógica, com a sugestão de uma pesquisa-ação, a ser aplicada pela professora pesquisadora e por professores de Língua Portuguesa da Educação Básica, especificamente os que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental.

Assim, foi produzido um caderno didático-pedagógico, elaborado para auxiliar no trabalho docente desses professores, a partir de uma proposta de ensino de leitura, pautada na análise discursiva de reportagens que abordam a temática da crise pandêmica vigente, numa perspectiva política, de forma a contribuir para o desenvolvimento de uma leitura proficiente e da criticidade dos alunos, ao estimular reflexões e discussões, cabendo ao professor uma adaptação da proposta apresentada à realidade do aluno, da escola e dele mesmo, caso considere necessário, tendo em vista alcançar os objetivos expostos.

A proposta de ensino apresentada neste caderno parte do princípio de que a leitura, compreensão e interpretação de textos do gênero discursivo reportagem permite estabelecer relações dialógicas com o contexto sócio-histórico e com as ideologias, atentando-se ao exercício crítico-reflexivo do gênero reportagem, por meio da qual podemos perceber uma multiplicidade de possibilidades de leitura e de informações, sem uma exploração restrita, com análises focadas nas sugeridas nos livros didáticos.

Nesse contexto, compete ao professor utilizar-se de novas metodologias, de modo a auxiliá-los na tarefa de tentar ampliar habilidades de leitura e desenvolvimento da consciência crítica em alunos de diversas realidades sociais, com vistas a minimizar dificuldades verificados quanto à análise de reportagens, encontrando novas formas de trabalhar com a leitura do gênero em sala de aula.

À vista disso, a produção de um caderno pedagógico se justifica como uma forma de expandir os conhecimentos, tanto dos alunos como de professores, com novas metodologias de ensino de leitura, bem como a possibilidade de modificação dos conteúdos e abordagens sugeridas, segundo o contexto social em que os sujeitos envolvidos no processo de ensino se inserem.

O caderno pedagógico foi elaborado com um *corpus* de cinco reportagens, cuja temática aborda a pandemia que assola toda a população, numa perspectiva política, a partir da conduta e de posicionamentos assumidos pelo Chefe do Poder Executivo, na condução da crise. Para o desenvolvimento das atividades prévias no caderno, sugeriu-se iniciar com a aplicação de uma proposta diagnóstica/teste de leitura, a fim de verificar dificuldades de leitura apresentadas, antes do desenvolvimento da oficina.

Desse modo, é possível observar como os sentidos se constroem nas reportagens, de modo a tentar desenvolver uma postura reflexiva e formadora de opinião, indispensável à formação leitora crítico-reflexiva e da capacidade de entender, integrar-se e atuar na realidade social em que o aluno está inserido.

No tocante às etapas para a elaboração do caderno pedagógico, priorizou-se, num primeiro momento, a seleção das reportagens para a composição do *corpus* desta pesquisa. Posteriormente, empreenderam-se as análises discursivas nas reportagens selecionadas, com vistas a ampliar o entendimento da proposta pedagógica e do trabalho com textos dos mais variados gêneros.

Nas análises dos textos do gênero em estudo, foram considerados os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, tais como: ideologia, formação ideológica, formação discursiva, formação imaginária, *ethos* discursivo, condições de produção, dialogismo, heterogeneidade discursiva (mostrada e não mostrada), sujeito discursivo e cenas de enunciação.

Diante do exposto, apresentamos, na sequência, o caderno pedagógico.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



SIDNEIA RODRIGUES DA SILVA

UMA ANÁLISE ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DO GÊNERO REPORTAGEM

Montes Claros-MG

Agosto/2021

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO- PEDAGÓGICO-INSTRUCIONAL

Título	Uma análise enunciativo-discursiva do gênero reportagem
Autora	Prof ^a . Sidneia Rodrigues da Silva
Orientação	Prof ^a . Dr ^a . Arlete Ribeiro Nepomuceno
Curso	Mestrado Profissional em Letras
Instituição	Universidade Estadual de Montes Claros – Minas Gerais
Escola de implementação do Caderno	Nome: Escola Municipal Santa Rita, situada na Rua Barão de São Romão, s/n – Bairro: Jardim Estela, no município de Januária - MG Obs. Com possibilidade de implementação em outras escolas de educação básica
Área	Língua Portuguesa
Área interdisciplinar	Linguagem e Letramento
Resumo	Caderno pedagógico elaborado para os professores do ensino fundamental que atuam nos finais, com o intuito de, aliado ao conhecimento teórico, propor estratégias de leitura por meio de oficina, com vistas a atenuar dificuldades de leitura, compreensão e interpretação de textos do gênero reportagem, contribuindo para buscar melhorar o senso crítico dos alunos.
Palavras chave	Reportagem -Oficina - Leitura proficiente
Formato do material	Caderno Didático-Pedagógico-Instrucional: leitura compreensiva e interpretativa de reportagens no ensino fundamental II
Público-alvo	Professores da Educação Básica (Ensino Fundamental II)

APRESENTAÇÃO

Apresentamos o caderno de atividades, intitulado **Uma análise enunciativo-discursiva do gênero reportagem**, contendo uma proposta de atividade diagnóstica, o planejamento de atividades a serem desenvolvidas através de oficina de leitura, compreensão e interpretação do gênero, elaboradas com a finalidade de apresentar propostas de ensino para que nós, professores de Língua Portuguesa abordemos o ensino do gênero reportagem, visando a conseguir ampliar a proficiência leitora e a capacidade de produção de sentido.

Esta proposta de trabalho tem como objetivo basilar apresentar um caderno de atividades de leitura de reportagens, com sugestões para o desenvolvimento da leitura crítico-reflexiva e a produção de novos conhecimentos.

Enfatizamos que, com essa produção, pretendemos apresentar propostas de ensino para a sala de aula, atentando para ampliar a competência leitora, o senso crítico dos alunos frente aos fatos noticiados e incentivar a consciência social, possibilitando a participação do aluno em atividades que exijam uma multiplicidade de conhecimentos de linguagens, culturas, práticas social e contextos.

O planejamento totaliza 12 horas aula de atividades em que se explora apenas o gênero discursivo reportagem.

Professora Sidneia Rodrigues da Silva

Escola Municipal Santa Rita – Januária/MG

Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade
Estadual de Montes Claros

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	50
Uma análise enunciativo-discursiva do gênero reportagem.....	52
Diagnóstico de leitura	81
Oficina de leitura	85
Atividade para verificação de aprendizagem	92

INTRODUÇÃO

Este caderno pedagógico foi desenvolvido com o propósito de auxiliar os professores da Educação Básica, especialmente os que atuam nos anos finais do ensino fundamental, com propostas de ensino do gênero reportagem, a partir de oficina de leitura. Tal proposta visa contribuir na prática de ensino em sala de aula, de forma a promover o desenvolvimento da habilidade de leitura, compreensão e interpretação de textos do gênero em questão, tendo como temática a crise pandêmica, numa perspectiva política, a partir dos posicionamentos e ideias defendidas pelo Chefe do Poder Executivo.

O enquadramento teórico alinha-se à teoria de Bakhtin e do Círculo, no aporte teórico da Análise do Discurso, fundamentalmente nos estudos de Maingueneau (2005;2015), Brandão (2012), Orlandi (2001; 2009), Pêcheux (1990), Authier-Revuz (1990), entre outros, sendo notória a contribuição da Análise do Discurso para os profissionais que trabalham com a linguagem, por permitir que esta seja entendida como código e como discurso.

Posto isso, o desenvolvimento de uma proposta didático-pedagógico de ensino de leitura, valendo-se da Análise do Discurso, compreende a prática de leitura, os sujeitos – autor e leitor – e a ideologia em que se inserem, permitindo-nos concluir que, numa concepção discursiva, a leitura pode ser vista como uma crítica, oportunizando a produção de ideias e posições assumidas, ao possibilitar novas produções e efeitos de sentidos. Nessa direção:

[...] a leitura crítica encontra a principal razão de ser nas lutas em direção à transformação da realidade brasileira, levando o cidadão a compreender as raízes históricas das contradições e a buscar, pela ação concreta, uma sociedade em que os benefícios do trabalho produtivo e, portanto, da riqueza nacional não sejam privilégio de uma minoria (SILVA, 2009, p. 24).

Desse modo, como educadores e formadores de opinião, não devemos ser apenas sinalizadores de “uma verdade camuflada” contida nos textos, como se houvesse apenas um único e verdadeiro sentido, mas, de maneira oposta, sugerir discussões de forma a proporcionar novas reações acerca dos jogos simbólicos que permeiam a linguagem.

Nesse viés, o processo de leitura na escola é imprescindível para que nossos alunos tenham contato com outras interpretações de mundo. Assim, ao fazer uso de atividades, a partir do gênero discursivo reportagem, oportunizamos o desenvolvimento da competência leitora e da criticidade, diante de fatos relevantes do dia a dia.

Dessa maneira, além de contribuir para a construção de identidades, ao viabilizar o contato com outras formas de pensar, ser e agir, é possível que os alunos, promovendo uma reflexão do funcionamento da sociedade, das relações hierárquicas de poder, possam conseguir aprender a perceber como os sentidos são construídos.

Nesse intuito, inicialmente, sugerimos uma proposta de teste de leitura para o diagnóstico, a partir de um texto do gênero reportagem, com cinco questões elaboradas com base nas habilidades definidas na BNCC. Depois, para a oficina, selecionamos uma das reportagens sobre a pandemia, que compõe o *corpus* desta pesquisa, nas quais se apresentam a postura e as ideias assumidas pelo Chefe de Estado, na condução da crise.

No que concerne à Análise do Discurso, corroborando Orlandi (2009), o sentido não existe em si mesmo, sendo possível defini-lo por meio das posições ideológicas postas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. Por sua vez, o discurso constitui-se em seus sentidos, por se inscrever em uma formação discursiva, e não outra, para ter um sentido e não outro. À vista disso, pela formação discursiva, é possível assimilar os sentidos que se manifestam na prática discursiva.

Nessa perspectiva, a análise das reportagens possibilita penetrar o imaginário que atravessa o sujeito em sua prática discursiva, e explicitar o modo como os sentidos estão sendo produzidos, podendo compreender melhor o que está sendo dito.

3 UMA ANÁLISE ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DO GÊNERO REPORTAGEM

A comunicação, ao apresentar temáticas significativas que fomentam discussões, exerce um papel importante na sociedade, contribuindo para a formação da opinião de pessoas que, diariamente, acompanham a publicação de eventos cotidianos, cabendo ao jornalismo o dever de informar e de explicar os fatos, inclusive com competência de ensinar novos conceitos à sociedade.

Nesse sentido, a análise empreendida teve como viés o discurso político do Chefe do Poder Executivo em cinco reportagens publicadas em páginas da internet, cuja temática vai de encontro a uma grave crise sanitária, com a pandemia do coronavírus que se espalhou pelo mundo inteiro.

Ao longo da análise, discorreremos sobre a constituição do enunciador, o momento sócio-histórico-ideológico e a visão de mundo, que determinaram as escolhas lexicais e os efeitos de sentido produzidos, a partir de estudos enunciativos-discursivos, seguindo Bakhtin e o círculo (2003), que conferem à enunciação um lugar privilegiado como realidade da linguagem, indispensável à compreensão e explicação da estrutura semântica de todo ato de comunicação.

Assim sendo, na análise delineada, observaram-se os seguintes elementos da Análise do Discurso: as **condições de produção do discurso**, a **formação ideológica e discursiva**, a **formação imaginária**, a **cenografia** e o *ethos*, a **heterogeneidade enunciativa mostrada** e a **interdiscursividade** que se materializaram no texto.

Posto isso, passemos às análises das reportagens selecionadas.

Reportagem 1- Bolsonaro critica 'desinformação' e 'pânico disseminado' por conta de pandemia

Bolsonaro critica 'desinformação' e 'pânico disseminado' por conta de pandemia

Presidente usou as redes sociais para fazer críticas sobre o combate à pandemia e falar sobre a situação econômica do País

Por EmilyBehnke

12 JUL 2020 12h11 atualizado às 12h17

BRASÍLIA – O presidente Jair Bolsonaro afirmou neste domingo, 12, que o combate à pandemia da covid-19 foi marcado pela "desinformação" e "pânico". Em publicação em suas redes sociais, intitulada "a hora da verdade", o presidente também falou sobre a situação econômica do País.

"A desinformação foi uma arma largamente utilizada. O pânico foi disseminado fazendo as pessoas acreditarem que só tinham um grave problema para enfrentar", disse. Desde o início da pandemia, o presidente tem repetido o discurso que é preciso enfrentar o vírus e também o desemprego. *"Sempre disse que o efeito colateral do combate ao vírus não poderia ser pior que o próprio vírus."*

Na última terça-feira, 7, o chefe do Executivo disse ter testado positivo para a covid-19. Em manifestações via redes sociais, Bolsonaro afirmou estar se tratando com cloroquina, medicamento sem eficácia comprovada contra a doença, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

"A realidade do futuro de cada família brasileira deve ser despolitizada da pandemia. Os números reais dessa guerra brevemente aparecerão", declarou o presidente, que tem criticado medidas de distanciamento social tomadas por prefeitos e governadores para combater o avanço da covid-19.

Bolsonaro não esclareceu na publicação a que "números reais" se referia. Procurada, a Secretaria Especial de Comunicação (Secom) informou que o Planalto não comentará o assunto. Os números da pandemia no Brasil vêm sendo alvo de questionamentos. O consórcio de veículos de imprensa formado por Estadão, G1, O Globo, Extra, Folha e UOL registrou 71.492 mortes por covid-19 e 1.840.812 casos confirmados da doença até às 20h do sábado, 11. Em 24 horas, foram 968 mortes e 36.474 casos, de acordo com o balanço do consórcio. Enquanto isso, números divulgados pelo Ministério da Saúde mostram que foram 71.469 mortes e 1.839.850 casos confirmados no total. Em 24 horas, de acordo com o governo, foram 1.071 óbitos e 39.023 casos. O Ministério da Saúde está há 58 dias sem um titular na pasta, que está sendo comandado interinamente pelo general Eduardo Pazuello.

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Gilmar Mendes disse no último sábado, 11, que o Exército está se associando a um "genocídio", ao se referir à crise sanitária instalada no País em meio à pandemia do novo coronavírus, agravada pela falta de um ministro efetivado no cargo.

Recessão - O presidente também disse que o País se encontra "na beira da recessão" com "milhões de empregos destruídos e dezenas de milhões de informais sem renda". *"Não será fácil, mas temos de recomeçar",* acrescentou.

O chefe do Executivo afirmou que a situação só não está pior em função das ações do governo federal. Ele mencionou a liberação de crédito para pequenas e médias empresas e do socorro fiscal de R\$ 60,1 bilhões para Estados e municípios, além do auxílio emergencial de R\$ 600. Como revelado pelo Estadão/Broadcast, passados 80 dias do início do programa, há ainda 10 milhões de brasileiros na fila para receber o auxílio emergencial. Esse grupo da população que aguarda o resultado da análise ou reanálise do Executivo para concessão do benefício.

Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/bolsonaro-critica-desinformacao-e-panico-na-pandemia,f93a1472fe81e40ef73dfe5b48c6317jau7n03e.html> Acesso em: 8/9/2020.

Na reportagem em tela, podemos depreender como os sentidos são construídos no discurso proferido pelo sujeito discursivo, tendo em vista que, segundo Bakhtin (2014), a

palavra é fenômeno ideológico por primazia, visto que acompanha e elucida todo ato ideológico. Assim, as falas dosujeito discursivo ressaltam a exteriorização da **ideologia** pela **formação ideológica** que determina a posição defendida.

Arelada à formação ideológica, encontra-se a definição de **formação discursiva**, em que as palavras produzidas adquirem sentido, pois, nos termos de Orlandi (2009), “o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”.

Nessa direção, a formação discursiva a que se filia o sujeito discursivo é de crítica e contrariedade ao modo como a pandemia tem sido reputada pela maior parte da população brasileira, com medidas restritivas adotadas pelos estados e municípios na tentativa de conter o avanço do vírus. Assim, ao valer-se das expressões ‘*desinformação*’ e ‘*pânico disseminado*’, o “chefe de extrema direita” expõe como desnecessária a adesão a certas medidas de enfrentamento da pandemia, que, conforme assevera, foi provocada pela falta de informações coerentes, o que fez com que fosse criada uma “falsa” imagem da crise, provocando medo e pânico generalizados.

A partir do primeiro enunciado: *"A desinformação foi uma arma largamente utilizada. O pânico foi disseminado fazendo as pessoas acreditarem que só tinham um grave problema para enfrentar"*, é possível construir a imagem do sujeito discursivo, que não ocupa o lugar social dele nem o espaço de constituição dele como presidente.

Seguindo de perto Maingueneau (2015), entre as **cenas de enunciação**, a **cena englobante**, podendo ser definida como “tipo de discurso”, corresponde ao discurso político, em que um cidadão se direciona a outros cidadãos, no que se refere a um tema relevante. Contudo, o sujeito discursivo posiciona-se na direção contrária, uma vez que profere um anti-exemplo, não se adequando, portanto, à posição que deveria assumir.

Orlandi (2009) destaca a definição de relação de forças que determina o que o sujeito fala, a partir da posição que ocupa. Se a posição ocupada é de poder, as palavras ditas terão maior prestígio junto ao interlocutor, considerando que convivemos em uma sociedade com relações hierarquicamente estabelecidas.

Desse modo, no processo enunciativo, Maingueneau (1995) ressalta que o *ethos* pode ser definido como a imagem projetada de si mesmo pelo enunciador, podendo o coenunciador delinear a personalidade apresentada pelo discurso. Sendo assim, o *ethos* discursivo constituído pelo sujeito discursivo, ao longo da carreira política dele, é de religioso que busca a manutenção da família, dos valores morais e bons costumes. No entanto, infere-se que, no

discurso utilizado por ele, *talethos* não se confirma, por uma postura insensível, egoísta e incoerente assumidas, ao manifestar descontentamento em relação à adoção de medidas sanitárias que salvariam inúmeras vidas, mas que, em contrapartida, prejudicaria o desenvolvimento econômico do país.

Além disso, na observância do processo de interdiscursividade que atravessa os discursos, conforme assegura Orlandi (2009), a interdiscursividade configura num conjunto de formulações realizadas e já esquecidas que definem o que dizemos e o esquecimento, quer dizer, acreditamos que o que “dizemos só podem ser dito com aquelas palavras e não outras”. Desse modo, a memória discursiva como **interdiscurso** torna-se um elemento para os efeitos de sentido que o sujeito enunciator pretende produzir a partir da imagem que faz do seu interlocutor.

No que se refere à compreensão do discurso, Orlandi (2009) afirma ser preciso observar muito além do que é dito, ponderando sobre o não dito e as **condições de produção** do discurso que envolvem sujeitos, situação e memória, para quem, em um sentido restrito, as condições de produção consistem nas circunstâncias da enunciação e, em sentido amplo, abarca o contexto sócio-histórico-ideológico: “Quem fala? A quem fala? Para dizer o quê? Onde e quando? Com qual intenção? De que maneira?”.

Nesse sentido, considera a relação sujeito e situação, tendo em vista os efeitos de sentidos, os elementos que emanam da maneira de pensar da sociedade, da história e da produção dos acontecimentos que adquirem significado no imaginário dos sujeitos em suas posições políticas. Assim sendo, Pêcheux (1990) reitera:

Os sentidos só podem ser interpretados quando se recuperar as vozes que falam através do discurso produzido em certo momento histórico. Um discurso só tem sentido para um sujeito quando ele o reconhece como pertencente a determinada formação discursiva, na qual está investida uma série de **formações imaginárias**, que designa o lugar que os sujeitos se atribuem mutuamente (PÊCHEUX, 1990, p.18).

Nesse viés, uma análise nessa ótica, oportuniza transpor o imaginário que permeia os sujeitos nas práticas discursivas e evidencia o modo como os sentidos estão sendo engendrados, possibilitando uma melhor compreensão do que está sendo dito.

Assim sendo, podemos analisar o dito e o não dito no discurso do sujeito discursivo, no contexto da crise provocada pelo coronavírus, tendo em vista o sentido amplo e restrito, a memória e os esquecimentos. O dito diz respeito à preocupação com a disseminação da

pandemia como sendo um grave problema a ser enfrentado, posto que há outro problema, igualmente grave, que a população ainda não teve consciência. No não-dito minimiza-se a pandemia, evidenciando certo descaso com possíveis mortes provocadas, em detrimento da situação econômica do país, pois medidas e prevenção ao novo coronavírus (isolamento social e fechamento do comércio etc.) poderiam trazer prejuízos financeiros à população.

Convém ressaltar a utilização do **verbo ser**, na terceira pessoa do singular (foi), que remete a um estado permanente, ligando os sujeitos – “a desinformação” e “o pânico” – aos seus respectivos predicativos: uma arma e disseminado. Desse modo, percebe-se, a partir desta formação discursiva, a imutabilidade do impacto provocado pela desinformação e pelo pânico instaurados por outrem, em relação às consequências da pandemia. O sujeito discursivo coloca a desinformação como uma **arma**, visto que, com base na formação militar recebida (pautada nos valores de força e rigidez) e no fato de ter se tornado militar, sendo, hoje, capitão reformado do exército, estabelece a **arma** como um importante instrumento de defesa ou ataque. No caso da pandemia, a arma da desinformação ataca e fere a possibilidade de ascensão econômica do país.

Nesse sentido, no tocante à relação de força, as palavras do sujeito discursivo representam um grande poder em relação aos coenunciadores, provocando impacto e visibilidade que perpassam os limites do país e repercutem em todo o mundo. Contudo, no segundo enunciado: “*Sempre disse que o efeito colateral do combate ao vírus não poderia ser pior que o próprio vírus*”, ratificamos a insensibilidade e inflexibilidade do sujeito discursivo frente à pandemia, com a ênfase do discurso recaindo sobre os efeitos colaterais provocados pelas medidas de combate ao vírus sobre a economia do país.

Nesse contexto, o termo “efeito colateral” significa um efeito paralelo ao que é desejado, havendo, implicitamente, no discurso, que os efeitos colaterais a que o sujeito discursivo se refere são os impactos econômicos evidenciados pela queda da economia, em decorrência da adoção de medidas, como distanciamento social e fechamento de comércios considerados como não essenciais, com a preocupação da situação econômica suplantando a manutenção de vidas.

Embora o desemprego seja alarmante, cabe ao governo desenvolver políticas públicas de enfrentamento à crise, sem colocar vidas em risco, principalmente num momento em que milhares de vidas foram/são ceifadas diante da “maior crise sanitária da nossa época”, segundo a OMS.

No terceiro enunciado, ao dizer "*A realidade do futuro de cada família brasileira deve ser despolitizada da pandemia. Os números reais dessa guerra brevemente aparecerão*", o sujeito discursivo afirma que há uma problematização exacerbada da pandemia que prejudica o futuro das famílias brasileiras. Nesse caminho, os enunciados produzidos aludem a outros anteriormente produzidos, numa relação dialógica, como afirma Bakhtin e círculo (2003).

A utilização do termo “despolitizada” transmite a ideia de que a crise da pandemia tem sido tratada como um ato político, em que, uma vez mais, o sujeito discursivo utiliza-se de uma formação discursiva que alude à sua formação militar, ao empregar a palavra “**guerra**”, para se referir ao enfrentamento à pandemia. Percebemos que, para o sujeito discursivo, a disseminação do pânico, a partir de informações consideradas desconhecidas, sobre efeitos provocados pelo vírus, foi empreendida por aqueles que se opõem ao governo, julgando-os capazes de superestimar dados e informações, quanto a mortos, curados, infectados etc., com o intuito de criticar o governo e a forma como a crise sanitária vem sendo administrada.

A partir dessa perspectiva, o enunciador, conforme aponta Maingueneau (2015), organiza a situação que pretende enunciar, de forma a buscar a aceitação daqueles a quem o discurso se destina, instituindo a cenografia que o legitima. Por meio dos discursos que nos circundam e com os quais nos envolvemos como sujeitos sociais, do ponto de vista de produção ou de recepção, somos circunscritos dentro do ato persuasivo da linguagem, com o discurso político podendo mobilizar cenografias variadas, na busca de persuadir o leitor, captando o imaginário dele. Desse modo, a **cenografia** consiste no lugar de produção do discurso, delineando-o, de forma a legitimá-lo, em que a cena da qual o discurso emerge é convenientemente estabelecida.

Nesse caminho, através da forma como o assunto é abordado, é possível confirmar a cena e um *ethos* discursivo militar, trazendo a lume um discurso constituído por armas, guerra e combate, o que determina e confirma a cena e o *ethos*. A partir dessa cenografia estabelecida, percebemos uma busca por identificação e aceitação daqueles que não se preocupam com o bem-estar do outro. Contudo, essa não preocupação constitui-se numa forma de distanciamento e não apoio às famílias brasileiras, frente às críticas das quais têm sido alvo, uma vez que um homem que se preocupa com a família, jamais faria algo que a prejudicasse.

O otimismo evidenciado a partir do discurso: "*Não será fácil, mas temos de recomeçar*", representa uma irresponsabilidade, um descompromisso, uma falta de consciência política, fazendo crer ao coenunciador que, mesmo diante de tantas adversidades

sanitárias e econômicas, é possível acreditar na capacidade de enfrentar os desafios, de modo a conseguir que a economia brasileira seja retomada.

Reportagem 2 - Bolsonaro: “Não vi no mundo quem enfrentou melhor a pandemia do que nós”

Bolsonaro: "Não vi no mundo quem enfrentou melhor a pandemia do que nós"

O presidente ainda caracterizou como excepcionais as ações ministeriais diante do novo coronavírus

Por Ingrid Soares

postado em 19/8/2020 20:55 / atualizado em 19/8/2020 21:13

O presidente Jair Bolsonaro afirmou, nesta quarta-feira (19/08), "não ter visto no mundo" alguém que enfrentou melhor a pandemia de covid-19 do que o próprio governo brasileiro. A declaração ocorreu durante a assinatura de medidas provisórias de acesso ao crédito a micro e pequenos empresários. O presidente ainda caracterizou como excepcionais as ações: *"No meu entender, guardando-se as devidas proporções, não vi no mundo quem enfrentou melhor essa questão do que o nosso governo. Isso nos orgulha. Mostra que tem gente capacitada e preocupada, em especial, com os mais pobres, os mais humildes"*, apontou.

Bolsonaro ainda voltou a criticar as medidas restritivas adotadas por governadores e prefeitos. Segundo ele, uma “quebradeira” na economia seria pior do que o próprio vírus, que já provocou 110 mil mortes no país.

“Temos dois problemas: o vírus e o desemprego. São dois assuntos que devemos tratar com responsabilidade, mas simultaneamente. A turma do 'fica em casa' e a turma do contra começou a dizer que eu era insensível e não estava preocupado com a vida das pessoas, e dizendo sempre ao Guedes que 'a economia se recupera, a vida não'. Olha, uma quebradeira na economia, não precisa ser médico nem economista pra dizer isso, as causas, o efeito colateral disso é pior, mas muito pior do que o próprio vírus.”

O presidente completou: *“Hoje em dia, já se começa a notar que o governo lá atrás estava no caminho certo, enquanto se fechava quase tudo no Brasil, nós aqui não paramos, em especial com a equipe econômica, trabalhando e buscando meios para que empregos não fossem destruídos e as propostas apresentadas por nós foram excepcionais”*, disse.

Auxílio emergencial prorrogado

Bolsonaro afirmou durante a solenidade que o auxílio emergencial deverá ser prorrogado até o fim do ano.

O presidente justificou dizendo que o atual valor do auxílio custa aos cofres públicos mais de R\$ 50 bilhões mensais. Em referência ao ministro Paulo Guedes, apontou que “alguém na equipe econômica” sugeriu R\$ 200, quantia que Bolsonaro considera pouco, apesar de ter elencado o mesmo valor quando a medida foi aventada. Bolsonaro completou dizendo que é possível chegar a um “meio termo”.

“Estamos agora em fase final. Hoje, tomei café com o Rodrigo Maia no Alvorada e também tratamos desse assunto do auxílio emergencial. Os R\$ 600 pesa muito para a União. Isso não é dinheiro do povo porque não está guardado, é endividamento e se o país endivida demais, acaba perdendo a credibilidade para o futuro. Então R\$ 600 é muito, o Paulo Guedes fa..., alguém da economia falou em R\$ 200, eu acho que é pouco. Mas dá pra chegar em um meio termo e nós buscamos que seja prorrogado por mais alguns meses, talvez até o fim do ano”, concluiu.

Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/08/4869697-bolsonaro---nao-vi-no-mundo-quem-enfrentou-melhor-a-pandemia-do-que-nos.html> > Acesso em: 05/12/2020

No enunciado: *"No meu entender, guardando-se as devidas proporções, não vi no mundo quem enfrentou melhor essa questão do que o nosso governo. Isso nos orgulha. Mostra que tem gente capacitada e preocupada, em especial, com os mais pobres, os mais humildes"*, analisando o discurso na consideração do lugar e da posição social do sujeito, do contexto no qual se insere e da **formação ideológica**, que determina a **formação discursiva** na qual as palavras adquirem sentido, podemos dizer que a formação discursiva aponta para a posição de competência e habilidade no tratamento da pandemia pelo sujeito discursivo.

O termo **governo**, que corresponde à instância máxima de administração executiva, é reconhecido como uma liderança de um Estado ou nação. Desse modo, o **interdiscurso**, “[...] aquilo que fala antes, em outro lugar [...]”, conforme define Orlandi (2001b), remete-nos a um recorte em que se evidencia o caráter político, considerando o assunto da reportagem.

Observamos que há uma antecipação do sujeito discursivo, que corresponde a uma **formação imaginária** na qual, segundo Orlandi (2009), o sujeito antecipa os sentidos que as palavras produzem no outro, ou seja, corresponde à capacidade de se colocar no lugar do outro para, de certa forma, “ouvir” as palavras dele.

Sendo assim, a partir das **condições de produção** do enunciado, num sentido restrito – implantação do auxílio emergencial com o intuito de ajudar financeiramente os menos favorecidos no enfrentamento à crise –, é possível perceber a instauração do sujeito discursivo atrelado ao contexto sócio-histórico, em que o sentido é constituído. Nesse viés, podemos depreender que ele acredita no bom desempenho do governo e se mostra orgulhoso pela forma como a crise socioeconômica provocada pela covid-19 vem sendo gerenciada, principalmente no que se refere à atenção aos mais necessitados.

Quanto aos dêiticos *esse* e *isso*, são utilizados com ênfase apreciativa, em que um juízo de valor é atribuído à pandemia e à forma como o enfrentamento ocorreu pelo sujeito discursivo. O uso de dêiticos ocorre como referentes e com uma subjetividade no discurso, por meio da qual estimula a cognição e avaliação no coenunciador, com o sujeito discursivo direcionando o coenunciador a optar por uma interpretação coerente, considerando o conhecimento dele da situação e o conhecimento de mundo.

No que se refere ao uso do dêitico *nosso*, que, de regra, funciona como um pronome adjetivo, adquire, na maioria das vezes, o valor de posse; já, em algumas situações não, como a que se evidencia no discurso do sujeito discursivo sob análise. Assim é que, nesse caso, não

carrega o traço possessivo, e sim indica coletividade, algo que é detidos e para todos, ao acompanhar o nome **governo**.

Considerando a abordagem de Maingueneau (2015, p.77), para quem cenografias discursivas se constroem no/pelo discurso, por meio de enunciados, o leitor consegue recuperar a cenografia instituída, em que a imagem do enunciador e do coenunciador são relacionadas, com “[...] uma cronografia (momento) e uma topografia (lugar) das quais supostamente os discursos emergem”.

Osujeito discursivo, de modo cínico e sarcástico, faz uso de um recurso muito comum à cena política, ao tentar estabelecer uma imagem de homem responsável e competente, buscando evidenciar, sem sucesso, um *ethos* de “competência”, voltado à credibilidade e eficiência das atitudes dele à frente da condução da crise provocada pelo novo coronavírus, de forma a tentar persuadir a população.

Prosseguindo na análise, observamos uma divergência entre o que o governo fala e o que faz. Desde o início da pandemia, ele demonstrou descontentamento pelas medidas restritivas adotadas, na prevenção e contenção do avanço do vírus, tanto que, em diversas situações, não as cumpriu, a exemplo de: não usar máscara e não manter o distanciamento social, propalando duras críticas aos governos estaduais e municipais que aderiram a elas. Em que pese isso, depois, foi possível perceber uma mudança de postura do governo, pela necessidade de adequação à situação.

O governo federal tem enfrentado duras críticas por demonstrar maior preocupação com a situação econômica do país, do que com o grande número de vidas perdidas diariamente, fazendo com que fosse visto, por muitos, como um homem insensível e incoerente. Assim sendo, percebemos uma tentativa do sujeito discursivo de diminuir as rejeições sofridas, o que contribuiria para a conquista de mais apoiadores dele, principalmente, os provenientes da classe economicamente mais pobre.

No segundo enunciado, percebemos o sujeito discursivo insistindo em enfatizar que a preocupação são as consequências das medidas restritivas de controle e combate ao vírus, consideradas, por ele, mais prejudicial à vida das pessoas do que o próprio vírus, como se confirma a seguir:

“Temos dois problemas: o vírus e o desemprego. São dois assuntos que devemos tratar com responsabilidade, mas simultaneamente. A turma do 'fica em casa' e a turma do contra começou a dizer que eu era insensível e não estava preocupado com a vida das pessoas, e dizendo sempre ao Guedes que 'a economia se recupera, a vida não'. Olha,

uma quebradeira na economia, não precisa ser médico nem economista pra dizer isso, as causas, o efeito colateral disso é pior, mas muito pior do que o próprio vírus”.

A partir da análise empreendida, verificamos como o sujeito se constitui, (re)constrói identidades, decorrentes das formações imaginárias idealizadas e alicerçadas nos valores implícitos, nos vários discursos que circulam socialmente.

Para Authier-Revuz (1990, p.28), existem múltiplas vozes no discurso, para quem “sempre sob as palavras ‘outras palavras’ são ditas”. Nesse contexto, o sujeito discursivo valeu-se da expressão “*fica em casa*”, deixando evidente o uso da **heterogeneidade mostrada**, com o uso de uma expressão amplamente difundida em meios sociais e midiáticos, como forma de orientar as pessoas a se prevenirem da contaminação pelo vírus. Contudo, tal heterogeneidade é constituída pelo discurso do outro, representado, por exemplo, pelos governadores, pelos ministros do STJ, pela mídia, entre outros que não advogam da mesmos ideais dele.

Além disso, é possível perceber o dialogismo, em que o sujeito discursivo faz alusão ao próprio discurso, ao retomar o termo “efeito colateral”, já mencionado em outras situações discursivas, para reforçar a crítica quanto às consequências das medidas restritivas de distanciamento social, para a economia do país.

O sujeito discursivo critica também o posicionamento daqueles que desaprovam o que ele propõe: o relaxamento das medidas de combate ao vírus, para que a economia seja impulsionada. Surge, a partir de um *ethos* irônico, a tentativa da construção de um *ethos* competente, responsável e sensato, com preocupação social para manutenção de vidas. Contudo, a preocupação com o impacto das medidas de contenção ao vírus é colocada num mesmo patamar, o que fica evidente quando o sujeito discursivo diz: “o vírus e o desemprego. São dois assuntos que devemos tratar com responsabilidade, mas simultaneamente”.

Nas circunstâncias de produção do enunciado, há um esquecimento por parte do sujeito discursivo do número de vidas perdidas continuamente em decorrência do vírus, e que, segundo a OMS, a única forma de evitar o aumento desse número é, principalmente, com o isolamento social. No entanto, o desemprego e as consequências das medidas sanitárias para a economia brasileira, novamente, são evidenciados.

As **condições de produção** do enunciado condizem com o momento em que diversas críticas se direcionam ao sujeito discursivo, pelo negacionismo⁴ evidenciado da pandemia e da defesa do relaxamento de medidas de enfrentamento ao coronavírus.

No terceiro enunciado, a formação discursiva remete ao sujeito discursivo, na tentativa de enaltecer o governo, como forma de minimizar os reflexos negativos ocasionados pelo modo como conduziu a crise provocada pela covid-19. Vejamos:

“Hoje em dia, já se começa a notar que o governo lá atrás estava no caminho certo, enquanto se fechava quase tudo no Brasil, nós aqui não paramos, em especial com a equipe econômica, trabalhando e buscando meios para que empregos não fossem destruídos e as propostas apresentadas por nós foram excepcionais”.

O uso das **expressões adverbiais** que indicam tempo *hoje em dia, já, lá atrás*; lugar *no Brasil e aqui*, e negação *não* constitui recursos discursivos que demonstram em que circunstâncias o país se encontra, apresentando uma situação favorável ao enfrentamento da crise provocada pela pandemia. O sentido do discurso é construído a partir da imagem que o enunciador faz do coenunciador e que, no contexto, funciona como uma resposta às questões atrelada as críticas dirigidas ao governo.

Para Orlandi (2001), todo dizer encontra-se na convergência dos eixos da memória (constituição) e da atualidade (formulação), num jogo, a partir do qual sentidos são obtidos. Assim, no discurso analisado, predominam os processos parafrásticos, em que no dizer há sempre algo que se mantém, o já dito, que remete à memória discursiva.

Nesse sentido, é possível estabelecer as relações dialógicas que determinam um discurso atravessado por outras vozes, já que alude a textos anteriores, visto que, segundo Bakhtin (2014), todo enunciado é parte de um diálogo com outros discursos e com os que estão por vir. Nesse caminho, o sujeito discursivo projeta uma imagem do “Messias”, o “Salvador”, construído a partir do *ethos* discursivo de religioso, constituído ao longo da carreira política dele, configurando como a única liderança capaz de conduzir, com pulso firme, a crise sanitária e econômica enfrentada, de modo a promover e garantir os interesses socioeconômicos da população brasileira.

⁴O negacionismo da pandemia encontra-se articulado ao negacionismo científico. Desse modo, quem nega a gravidade da doença, frequentemente nega os discursos científicos. O discurso negacionista associa-se à necropolítica, nos termos de Mbembe (2018). Ao negar a gravidade da pandemia e, por conseguinte, os cuidados relacionados à contaminação e propagação do vírus, houve uma intensificação da ‘política de morte’, descrita por Mbembe, em que aqueles que estão propensos à precarização da vida são os que mais sofrem.

Nessa declaração, fica implícita a crítica recorrente do sujeito discursivo ao isolamento social e a outras medidas que impossibilitaram o funcionamento da economia, ressaltando que a equipe de governo, a quem qualifica como sendo muito além do normal estabelecido, através da utilização do adjetivo *excepcional*, de modo especial a equipe econômica, permaneceu trabalhando, incansavelmente, para que a economia não parasse.

Ademais, a fala e a atitude dele reforçam a aversão às medidas de contenção, demonstrando ser possível trabalhar normalmente em meio à pandemia. Contudo, observamos no discurso do governo um esquecimento, evidenciado pelo negacionismo em relação às vítimas da covid-19, que aumentam mais e mais, visto que as mortes provocadas por ele são consideradas como um efeito colateral à *guerra* enfrentada.

No quarto enunciado, podemos identificar uma formação discursiva que parte da ideia de benfeitoria, de auxílio aos que mais precisam, pela crise financeira por que o país passa:

“Estamos agora em fase final. Hoje, tomei café com o Rodrigo Maia no Alvorada e também tratamos desse assunto do auxílio emergencial. Os R\$ 600 pesa muito para a União. Isso não é dinheiro do povo porque não está guardado, é endividamento e se o país endivida demais, acaba perdendo a credibilidade para o futuro. Então R\$ 600 é muito, o Paulo Guedes falou em R\$ 200, eu acho que é pouco. Mas dá pra chegar em um meio termo e nós buscarmos que seja prorrogado por mais alguns meses, talvez até o fim do ano”.

É interessante observar um atravessamento de sentidos mobilizados pelos termos *muito* e *pouco*, cujas posições são antagônicas. Com o intuito de realçar e intensificar o sentido do que se fala por meio do discurso, no caso, os possíveis valores que seriam pagos aos beneficiários do auxílio emergencial, busca-se chegar a *um meio termo*, de modo a possibilitar realmente o auxílio aos cidadãos, contanto que não pese muito aos cofres públicos. A produção desse discurso ocorre no contexto de produção em que se evidencia a finalização dos trâmites para liberar ajuda do governo àqueles que estão em uma situação de vulnerabilidade financeira e social, em decorrência da pandemia.

O sujeito discursivo transmite informações sobre o benefício social que seria pago aos brasileiros que se encaixam no perfil, para o recebimento do auxílio emergencial. Podemos perceber que, mais uma vez, o sujeito discursivo coloca-se na posição de “Salvador”, ao instituir o benefício social, enfatizando que não é advindo de recursos próprios do governo, e sim fruto de ajuda externa. Nesse sentido, buscaram-se meios de auxiliar, a todo custo, à população mais suscetível às consequências do *fica em casa*, que provocou a estagnação da economia e gerou um grande número de desemprego.

O *ethos* de homem religioso com que o sujeito discursivo normalmente se apresenta coloca-o numa posição de liderança que não mede esforços para ajudar aos mais necessitados. Contudo, a manutenção dessa identidade pode ser entendida como controversa, tendo em vista a posição inicialmente tomada pelo sujeito discursivo no enfrentamento da crise sanitária provocada pelo novo coronavírus.

Reportagem 3 - Coronavírus: Bolsonaro defende fim de quarentena e abertura de comércio

Coronavírus: Bolsonaro defende fim de quarentena e abertura de comércio

Em pronunciamento, presidente diz que “devemos voltar à normalidade”; veja na íntegra

Por LÉO SIMONINI
24/03/20 - 20h48

O presidente da República Jair Bolsonaro usou as redes de comunicação do país para mais um pronunciamento oficial relacionado à pandemia do novo coronavírus (Covid-19).

Novamente, o chefe de Estado minimizou os efeitos da doença que já matou 18.615 pessoas pelo mundo, além de 46 brasileiros, e garantiu que é hora de as pessoas fora do grupo de risco voltarem à vida normal.

"Nossa vida tem que continuar, os empregos devem ser mantidos, o sustento das famílias deve ser preservado, devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades, estaduais e municipais, devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes e o fechamento de comércio e o confinamento em massa", garantiu.

Segundo ele, apenas um pequeno grupo de pessoas deve se manter atenta ao vírus, já que na maioria, inclusive nele próprio, os sintomas seriam de uma "gripezinha" ou um "resfriadinho".

"O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos, então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos. Noventa por cento de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos, sim, ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, especialmente nossos pais e avós, respeitando as orientações do ministro da Saúde (Luiz Henrique Mandetta). No meu caso, em particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria, ou se muito, seria acometido de uma gripezinha ou um resfriadinho", continuou.

De acordo com Jair Bolsonaro, a imprensa fez o papel de espalhar o pânico e a histeria entre os brasileiros, conforme a situação dramática vivida pela Itália se agravava.

*"Tínhamos que conter, naquele momento, o pânico, a histeria e ao mesmo tempo traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase **contra tudo e contra todos**. Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão, espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas da Itália. Um país com um grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país", disse.*

Ainda segundo o presidente da República, o país se prepara para a pandemia desde o resgate de um grupo de brasileiros em solo chinês.

*"Desde quando resgatamos **nossos irmãos** em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos ministérios da Defesa e Relações Exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo. Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil", afirmou.*

*"Nosso **ministro da Saúde** reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos Estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído, e, desde então, o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando **um excelente trabalho** de esclarecimento e preparação do SUS para o atendimento de possíveis vítimas", continuou.*

Em seguida, Bolsonaro voltou a falar sobre um remédio que já existe no mercado, mas para o tratamento de outras enfermidades, que pode servir como a cura para o coronavírus, apesar de estudos em fase inicial.

*"Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento. O FDA **americano** e o hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite. **Acredito em Deus**, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo, na cura dessa doença", completou, para encerrar o pronunciamento oficial agradecendo a todos os profissionais de saúde envolvidos no combate ao novo coronavírus.*

Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/politica/coronavirus-bolsonaro-defende-fim-de-quarentena-e-abertura-de-comercio-1.2315821>> Acesso em: 5/12/2020.

Na análise do discurso, de acordo com Orlandi (2001, p.15), “[...]procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico [...] constitutivo do homem e da sua história”. Contudo, ainda segundo a autora, só a análise dos dizeres não é suficiente para realizar a análise de um texto, devendo considerar, conjuntamente, o não dito e as condições de produção, num sentido restrito e amplo.

Nesse caminho, no primeiro enunciado, encontramos a seguinte afirmação:

“Nossa vida tem que continuar, os empregos devem ser mantidos, o sustento das famílias deve ser preservado, devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades, estaduais e municipais, devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes e o fechamento de comércio e o confinamento em massa”.

Verificamos que as **condições de produção do discurso**, em um sentido amplo, remetem à pandemia do novo coronavírus e, em um sentido restrito, que corresponde ao contexto imediato, alude aos momentos iniciais de enfrentamento ao vírus, quando o número de mortos ainda não era exorbitante, e que, para evitar a propagação do vírus, diversas medidas restritivas foram adotadas, para as quais o sujeito enunciativo mostrou-se contrário. Segundo o sujeito discursivo, as medidas adotadas ferem o desenvolvimento da economia,

promovendo elevados índices de desemprego e impossibilitando que muitos brasileiros consigam prover o sustento de suas famílias.

Dessa maneira, a partir do discurso, analisamos as formações discursivas, nas quais a posição do sujeito se inscreve, para manifestar-se e produzir sentido. Orlandi (2009) refere-se à **formação discursiva** como algo que, numa **formação ideológica** dada, define o que pode e deve ser dito, ou melhor, corresponde às posições a que o sujeito se filia para significar e também ser significado (na e pelas posições). As falas conferidas ao sujeito discursivo enfatizam, a partir da formação ideológica, a formação discursiva na qual se ancora e determina a posição defendida e exteriorizada pelo **sujeito discursivo**, que é de crítica às medidas restritivas de isolamento social e defesa da abertura dos comércios.

A essa perspectiva demonstrada pelo sujeito discursivo, encontra-se inerente a preocupação maior com a economia do país, amplamente prejudicada pelas medidas de contenção ao vírus. O sujeito discursivo atribui a alguns governos estaduais e municipais a culpa pela atual crise financeira pela qual o país passa, por alguns deles persistirem na continuidade do isolamento social, no fechamento dos comércios, entre outras medidas que tem contribuído para elevar os índices de desemprego e afetar diretamente o desenvolvimento da economia.

Fica subtendida na afirmação do sujeito discursivo que o que ocorre é uma “vitimização” por parte de certos Estados e Municípios, no que diz respeito à contaminação pelo novo coronavírus, ao manter as medidas preventivas, de forma que a população não se torne mais uma “vítima” do vírus. Na direção contrária desse posicionamento, o sujeito discursivo enfatiza as consequências econômico-sociais e apoia o retorno à normalidade, esquecendo-se, mais uma vez, da letalidade do vírus e das muitas vidas que foram ceifadas.

No segundo enunciado, vejamos o que foi proferido:

O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos, então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos. Noventa por cento de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos, sim, ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, especialmente nossos pais e avós, respeitando as orientações do ministro da Saúde (Luiz Henrique Mandetta). No meu caso, em particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria, ou se muito, seria acometido de uma “gripezinha ou um resfriadinho”.

Como se sabe, para se chegar ao sentido de um texto, é imperativo levar em consideração o contexto, pois os sentidos são historicamente construídos e as condições de produção não são exteriores ao discurso, mas constitutivo dele. O sujeito, ao se reconhecer no

discurso, transita para a posição de coenunciador e constrói um objeto simbólico “universal”, em que distingue, na voz que ecoa, a sua própria voz que fala a verdade, porque propaga ideias com as quais comunga.

Os sentidos que se atualizam estão associados a um já-dito mantido em uma memória discursiva (**interdiscurso**), visto que um enunciado nunca é dito da mesma forma. Assim, em cada nova formação, pode haver um deslocamento espaço-temporal ou semântico-discursivo específico.

De acordo com Pêcheux (1990), a produção dos sentidos se dá no imaginário social (**formações imaginárias**), decorrente das relações entre poder e sentidos, exprimindo esforços para que o efeito de sentido cause a impressão de um sentido único, por meio de jogo de efeitos de sentido, em que os sujeitos se encontram em lugares definidos pela estrutura de uma formação social.

Tais lugares determinam as imagens que os interlocutores produzem de seu próprio lugar e do lugar do outro, posto que os sujeitos envolvidos nesse processo discursivo já antecipam seu interlocutor, o que orienta a formulação do enunciador. Nessa perspectiva, o enunciador, conforme aponta Maingueneau (2015), organiza toda a situação que pretende enunciar, de forma a buscar a aceitação daqueles a quem o discurso se destina, instituindo a **cenografia** que o legitima.

Por conseguinte, ao representar o lugar em que o discurso é produzido e concebido, a cenografia torna um enunciado legítimo, ao passo que este deverá legitimá-la, à medida que a cena, da qual o discurso exterioriza-se, é oportunamente instituída. Nessa perspectiva, mediante a forma como o assunto é exposto ao longo do discurso, a cenografia e o *ethos* poderão ser determinados e confirmados. Sendo assim, estarmos incluídos nos discursos, como produtor ou como coenunciador, insere-nos no ato persuasivo proporcionado pela linguagem e, ao mesmo tempo, limita-nos a eles, instigando uma variedade de **cenografias** inseridas no **discurso político**.

Desse modo, a partir do cenário político que se configura, o sujeito discursivo tenta demonstrar uma imagem de homem responsável e competente, atrelado ao *ethos* de religioso, fazendo alusão à expressão bíblica “terra arrasada” (Ezequiel 36:34), como um conceito que deve ser abandonado, ressaltando a necessidade de superação e de volta à “normalidade”, de modo a convencer as pessoas quanto à veracidade dos fatos por ele apresentados.

Há de se destacar que, na argumentação, é necessário que haja uma proposta sobre o mundo, de forma a produzir em alguém um questionamento. Desse modo, de um lado, há um

sujeito comprometido com este questionamento e que busca desenvolver um raciocínio, de modo a instaurar uma verdade, legitimando-a, e, do outro, um sujeito que, baseado na mesma proposta, busca produzir um questionamento e expor uma verdade, representando um alvo da argumentação.

A partir da formação discursiva, é possível verificar os efeitos de sentido pretendidos com base nas argumentações utilizadas e que apontam para uma minimização dos efeitos do vírus e uma autoconfiança de que, caso fosse acometido pela doença, o sujeito discursivo não sentiria nada além de uma simples gripe ou resfriado. Assim, as condições de produção do discurso remetem, num sentido restrito, a um momento em que o vírus ainda não havia chegado a muitos municípios brasileiros.

Dito isso, o emprego dos diminutivos **gripezinha** e **resfriadinho** é utilizado num tom depreciativo, em que percebemos um descaso aos efeitos devastadores que a contaminação pelo vírus poderia causar, assim como uma minimização em relação à possibilidade de morte daqueles que contráissem a doença. Então, o sujeito enunciativo reforça que não há necessidade de preocupação com o vírus, exceto as pessoas do grupo de risco, e ressalta, ainda, que medidas cabíveis para enfrentamento e controle da disseminação do vírus têm sido tomadas pelo Ministro da Saúde, em conformidade com a OMS, que o sujeito discursivo, posteriormente, mostrar-se-á contrário.

Para o sujeito discursivo, poucos dos que seriam contaminados morreriam, não justificando a necessidade de as pessoas, que não pertençam ao grupo de risco, não voltarem aos postos de trabalho, havendo, novamente, uma contrariedade às orientações e medidas estabelecidas pela OMS e uma subestimação ao vírus.

No contexto do terceiro enunciado, a pandemia já atingia proporções catastróficas na Itália e já havia chegado ao Brasil e provocado um número expressivo de mortes:

“Tínhamos que conter, naquele momento, o pânico, a histeria e ao mesmo tempo traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos. Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão, espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas da Itália. Um país com um grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país”.

No entanto, o sujeito discursivo culpa os meios de comunicação pela forma como fizeram chegar até os brasileiros a quantidade de mortes ocorridas em todo o mundo em

decorrência do vírus, principalmente na Itália, responsabilizando-os pela disseminação de pânico e histeria entre a população.

Nessa **cenografia**, o sujeito discursivo se apresenta como a “mão forte e segura”, capaz de conduzir a crise provocada pelo novo coronavírus de maneira sensata, de modo a viabilizar a manutenção de vidas e a garantia de empregos, mesmo em meio às manifestações contrárias e críticas ao governo. Nessa **formação discursiva**, o sujeito discursivo manifesta descontentamento com a mídia que, segundo afirma, aborda a problemática da pandemia, de forma a produzir pânico entre a população, em dissonância com o interesse do governo e, consequentemente, do povo e responsabilizando a eles pelas críticas que recebe em relação à maneira como administra a crise ocasionada pela pandemia.

Outrossim, percebemos a presença da heterogeneidade não marcada no discurso do sujeito discursivo, ao postular a desnecessária importância e visibilidade que é dado ao vírus, a exemplo do que Donald Trump fazia nos EUA, não dando crédito aos primeiros casos e ignorando as medidas sanitárias recomendadas pelos especialistas, visto que acreditava que possuía competência o suficiente para manter essa questão sob controle.

Conforme assevera Maingueneau (2005), o interdiscurso perpassa essa questão da heterogeneidade do discurso enquanto constitutiva. Para o autor, a heterogeneidade mostrada é mais transitável nos aparelhos linguísticos, enquanto a heterogeneidade constitutiva não deixa marcas visíveis (MAINGUENEAU, 2005). Tal constituição ocorre de modo a escapar do sujeito, tendo em vista seu assujeitamento à memória.

No quarto enunciado, o sujeito discursivo afirma:

“Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos ministérios da Defesa e Relações Exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo. Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil”.

Nesse caminho, a partir da formação discursiva, atribuímos o sentido que as palavras apontam, a saber, de espera, controle e preparação para o enfrentamento do vírus. Nessas circunstâncias, o novo coronavírus já sinalizava a chegava no país, através do resgate de brasileiros da cidade de Wuhan, na China, epicentro da pandemia.

Desse modo, o sujeito discursivo apresenta uma cenografia, em que transmite segurança e confiança nas ações do governo, num *ethos* cuja imagem sinaliza para um homem sensato, forte e de que dispunha de todos os recursos e capacidade para gerenciar a crise sanitária e humanitária que estava por vir, a partir da análise do quinto enunciado:

“Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos Estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído, e, desde então, o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para o atendimento de possíveis vítimas” verificamos as condições de produção do discurso, num sentido restrito, em que o governo mobiliza toda a equipe do ministério da saúde e secretários estaduais da saúde, a fim de construir todo um planejamento para o enfrentamento ao vírus em todo o país”.

Nesse momento, o sujeito enunciativo não tinha conhecimento das reais proporções que a crise assumiria e acreditava que o Ministro da Saúde de seu governo detinha o embasamento necessário para preparar todo o Sistema Único de Saúde (SUS) para o atendimento às vítimas que, até então, ainda eram em número bastante reduzido.

Conforme podemos observar, o sujeito discursivo se pronuncia ora tratando a questão da pandemia com seriedade, ora minimizando a gravidade do vírus. No entanto, especificamente nessa formação discursiva, demonstra total apoio, confiança e autonomia ao “nosso” Ministro da Saúde, destacando que a população pode contar com a competência e conhecimento de Luís Henrique Mandetta, tratando-o como referência no planejamento estratégico de combate e enfrentamento ao vírus, demonstrando otimismo diante da questão.

Contudo, nessa aparente autonomia delegada ao Ministro da Saúde, há um conflito de interesses entre a forma que o sujeito discursivo espera que seja tratada a crise sanitária e o que é proposto pelo ministro da saúde que, seguindo as indicações da OMS, orienta para a adoção de medidas que envolvem, entre outras coisas, o distanciamento social e o fechamento de comércios, empresas e indústria, cujo serviço não era classificado como essencial e cujas orientações o sujeito discursivo demonstrou total contrariedade, sob alegação de trazer prejuízos à economia do país.

No último enunciado da reportagem, as condições de produção do discurso retomam um ponto crucial do governo, diante do enfrentamento ao novo coronavírus: o uso da cloroquina, representando o período em que eram realizados teste de verificação da eficácia do medicamento, que, posteriormente, não foram comprovadas, ao completar dizendo:

“Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento. O FDA americano e o hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, aolúpus e à artrite. Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo, na cura dessa doença”, o Chefe de Estado pretende, a partir dessa formação discursiva, tranquilizar a população no sentido de que existe no mercado, um medicamento capaz de combater o vírus, e que há órgãos competentes empenhados em comprovar sua eficácia”.

O sujeito discursivo, ao empregar a expressão “acredito em Deus”, deixa evidente o *ethos* de religioso dele, numa cenografia que ressalta a fé e crença na capacidade de cientistas e pesquisadores brasileiros e estrangeiros que empreendem uma busca incansável por um tratamento eficaz e até mesmo uma possível cura da covid-19.

Nesse discurso, o sujeito discursivo evoca ideais religiosos e a manifestação da fé que o fizeram nacionalmente conhecido, para transmitir à população que não hesitará em procurar formas de proteger a vida e a saúde do povo brasileiro, reforçando o ideário de que o bem-estar do povo vem sempre em primeiro lugar, ao apresentar a adoção de uma postura que alia os interesses políticos e sociais, por meio de falas incisivas, cujo intuito é transparecer inalterabilidade política e controle da situação.

Reportagem 4 - Bolsonaro diz estar com ‘consciência tranquila’ em relação a pandemia; Brasil registra quase 100 mil mortos

Bolsonaro diz estar com ‘consciência tranquila’ em relação à pandemia; Brasil registra quase 100 mil mortos

[AFP](#)

6/8/20 - 22h27 - Atualizado em 7/8/20 - 09h02

O presidente Jair Bolsonaro afirmou nesta quinta-feira que está “com a consciência tranquila” em relação a seu papel frente à pandemia do novo coronavírus, que já deixou quase 100 mil mortos no país, em 3 milhões de casos.

“Estamos com a consciência tranquila (...) Junto com os meios que temos, temos como realmente dizer que fizemos o possível e o impossível para salvar vidas”, assinalou o presidente durante evento transmitido em suas redes sociais.

Juntamente com o ministro interino da Saúde, general Eduardo Pazuello, Bolsonaro assinou um decreto para a compra da vacina contra a Covid-19 desenvolvida pelo laboratório AstraZeneca e a Universidade de Oxford, que está em fase de testes.

“A gente lamenta todas as mortes, já estão chegando a 100 mil, talvez hoje, mas vamos tocar a vida e buscar a maneira de nos safarmos deste problema”, disse Bolsonaro mais tarde, em transmissão ao vivo, também acompanhado do general Pazuello.

Nesta mensagem, divulgada em suas redes sociais, Bolsonaro acusou os governadores de inflarem os números da pandemia, e os médicos, de não realizarem autópsias e colocarem Covid-19 como causa de mortes sem terem um diagnóstico.

O presidente disse ter lido diretrizes do governador de São Paulo, João Dória, para que *“o médico, ao não poder constatar na prática se foi Covid, escrever Covid, então o número aumenta”,* declarou. *“Não sei com que interesse, mas alguns governadores têm encaminhado as coisas neste sentido, levar mais pânico à população.”*

Bolsonaro também criticou governadores e prefeitos por aplicarem a quarentena, acusando-os de serem “ditadores”, e os responsabilizou pelo aumento do desemprego, que, como resultado da pandemia, subiu para 13,3% no trimestre abril-junho, um recorde em três anos: *“Quase 9 milhões perderam empregos no segundo trimestre (...) Alguns governadores e prefeitos têm esta responsabilidade.”*

Nesta quinta-feira, exibindo uma caixa de hidroxicloroquina, Bolsonaro voltou a defender o uso do medicamento. *“Quem não quiser tomar cloroquina, não tente impedir quem deseja. No final das contas, ainda não temos uma vacina, nem um remédio cientificamente comprovado.”*

Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/bolsonaro-diz-estar-com-consciencia-tranquila-em-relacao-a-pandemia-brasil-registra-quase-100-mil-mortos/>> Acesso em: 5/12/2020.

Na quarta reportagem, é possível confirmar as ideias e posicionamentos assumidos pelo sujeito discursivo desde o início da pandemia, a partir dos sentidos construídos através da análise dos enunciados. O tipo de discurso analisado, definida por Maingueneau (2015) como cena englobante, consiste no discurso político em que ocorre um direcionamento do discurso de um cidadão para outros cidadãos.

O modo como o conteúdo é apresentado ao longo do discurso define e confirma a cenografia e o *ethos*. Nesse caminho, o leitor é capaz de recuperar a cenografia estabelecida, na qual a imagem do enunciador e do coenunciador é correlacionada a uma, conforme aponta

Maingueneau (2015), cronografia (momento) e a uma topografia (lugar) das quais teoricamente os discursos surgem.

Orlandi, ao se basear nos estudos de Pêcheux, define um paradigma para a compreensão do discurso, para quem:

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha com a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 2009, p.17).

Desse modo, segundo a autora, convém analisar não apenas o dito, mas também o não-dito. Ademais, é necessário considerar as condições em que o discurso foi produzido, tanto no sentido amplo como restrito, tendo em vista os sujeitos, a situação e a memória. Ainda, a posição que o sujeito ocupa no momento da fala é distintivo do que ele diz, representando o que chamamos de relação de força.

Posto isso, o sujeito nunca é origem do dizer, em concordância com que observa Orlandi (2009); todavia, é assujeitado aos discursos que estão em circulação. Ele sempre enuncia a partir de uma anterioridade, de algo já-dito (ORLANDI, 2009). Nesse sentido, um discurso nunca se dá fora do contexto social, está sempre em relação com a exterioridade.

No primeiro enunciado: *“Estamos com a consciência tranquila (...). Junto com os meios que temos, temos como realmente dizer que fizemos o possível e o impossível para salvar vidas”*, verificamos as **condições de produção** que, num sentido amplo, corresponde à pandemia, no que se refere às ocorrências que marcaram um determinado tempo decorrido, desde o início da pandemia, e, num sentido restrito, ao número de mortos até então.

Em um contexto em que quase 100 mil vidas foram perdidas em decorrência da Covid-19, o sujeito discursivo demonstra, a partir dessa **formação discursiva**, na qual externaliza sua **formação ideológica**, total tranquilidade e se exime de qualquer culpa pelo número expressivo de mortos, visto que assegura que não poupou esforços para que o maior número possível de vidas fosse salvo.

O *ethosa* que o sujeito discursivo se filia demonstra apresentar como prioridade salvar vidas, sendo, para atingir tal propósito, capaz de empreender esforços “possíveis” e “impossíveis”. Ele executa a “performance” de o “salvador”, numa cenografia que tem como pano de fundo um cenário de mortes.

Observamos um atravessamento de sentidos impulsionado pela substantivação dos adjetivos “possível” e “impossível”, marcada pela utilização do artigo “o” que os antecede. A partir do efeito de sentido provocado por essa **interdiscursividade**, inferimos que, em relação às adversidades enfrentadas, o governo tem se empenhado ao máximo para evitar um grande número de mortes.

Contudo, percebemos que há uma enorme contradição entre o que foi dito e o que realmente ocorreu, pois, desde o início da pandemia, o sujeito discursivo mostrou-se totalmente adverso à adoção de medidas de mitigação dos efeitos da pandemia, utilizando-se de um discurso negacionista que, entre outras coisas, ignorava as medidas sanitárias recomendadas pelos profissionais da saúde.

Evidenciamos o **dialogismo** do discurso do sujeito enunciativo com o do ex-presidente norte-americano Donald Trump, conforme aponta Bakhtin (2014), para o qual todo enunciado é parte de um diálogo (dialoga com os discursos anteriores e com os que estão por vir). Desse modo, o caráter dialógico do discurso pode ser revelado a partir de atitudes e posicionamentos de Donald Trump, nos quais o sujeito discursivo se espelha, ao criticar governos estaduais e prefeituras que insistem em manter medidas de enfrentamento e prevenção à covid-19, acusando-os de prejudicar a economia do país.

No segundo enunciado: “*A gente lamenta todas as mortes, já estão chegando a 100 mil, talvez hoje, mas vamos tocar a vida e buscar a maneira de nos safarmos deste problema*”, o sujeito discursivo utiliza-se de um tom emocional, para transmitir uma imagem de sentimentalismo diante de tantas mortes. Nessa formação discursiva, portanto, pretende demonstrar consolo e resiliência, de modo a superar os problemas enfrentados em decorrência do novo coronavírus.

Nessa perspectiva, o *ethos* de religioso, evangélico retoma o lado humano e sensível dele, ao mesmo tempo em que a garra e a força advindas da formação militar, o apontam como uma pessoa que não se deixa abater e que fará uso de todos os meios disponíveis para resolução dessa crise sanitária.

Por essa via, é possível perceber que há múltiplas vozes, conforme Authier-Revuz (1990), denominada **heterogeneidade enunciativa**, podendo ser mostrada ou constitutiva. Desse modo, a heterogeneidade enunciativa é constitutiva desse discurso, numa **heterogeneidade mostrada**, evidenciada na fala do sujeito discursivo, a partir da utilização da expressão de uso popular “tocar a vida” que o aproxima do povo e o identifica com as dores e os sofrimentos deles.

Tal iniciativa busca conduzir as pessoas ao esquecimento da postura assumida pelo sujeito discursivo no início da Pandemia – negacionismo e preocupação excessiva com a economia do país, em detrimento da quantidade de pessoas que poderia vir a óbito, caso as medidas de enfrentamento ao vírus não fossem colocadas em prática.

Essa prática discursiva, que tem como objetivo uma identificação com as aflições do outro, tende a amenizar os discursos anteriormente feitos, de modo a flexibilizar o negacionismo inicialmente apresentado acerca da potencialidade pandêmica, convocando o povo a ser resiliente, forte e a seguir em frente, a exemplo do sujeito discursivo.

No terceiro enunciado: *“Não sei com que interesse, mas alguns governadores têm encaminhado as coisas neste sentido, levar mais pânico à população”*, o sujeito discursivo acusa alguns governadores de inflar os números de mortos pela Covid-19 como uma forma de provocar pânico. Nessa formação discursiva, percebemos a culpabilidade atribuída a outrem e a permanência do negacionismo do sujeito discursivo, diante das consequências da pandemia, mesmo com o aumento considerável dos casos de mortes.

Implicitamente, é possível identificar uma tensão entre o sujeito discursivo e alguns governadores, pois alguns governadores, além de disseminarem o pânico entre as pessoas, com a divulgação de informações enganosas do número de mortes, insistem na manutenção de medidas de prevenção à contaminação pelo vírus.

No quarto enunciado: *“Quase 9 milhões perderam empregos no segundo trimestre (...) Alguns governadores e prefeitos têm esta responsabilidade”*, mais uma vez, o sujeito discursivo culpa alguns governadores e prefeitos pela crise econômica do país, o que gerou um grande número de desempregados.

O sujeito discursivo utilizou-se do cenário econômico atual para apresentar uma “performance” que exime o governo federal de qualquer responsabilidade pela crise econômica provocada pelo novo coronavírus, visto que, desde o início da pandemia, manifestou total reprovação à adoção de medidas que promoviam o isolamento social e o fechamento dos comércios classificados como não essenciais.

No entanto, percebemos que, além do negacionismo em relação às consequências do vírus, há um esquecimento, por parte do sujeito discursivo, da quantidade de vidas perdidas, sendo a adoção dessas medidas de isolamento social, entre outras, imprescindíveis para evitar a contaminação em massa e o possível colapso do sistema de saúde.

No último enunciado desta reportagem: *“Quem não quiser tomar cloroquina, não tente impedir quem deseja. No final das contas, ainda não temos uma vacina, nem um remédio*

cientificamente comprovado”, o sujeito discursivo defende o uso da cloroquina, medicamentocuja eficácia contra o coronavírus não foi cientificamente comprovada, dialogando com o discurso de Donald Trump sobre o uso da cloroquina.

A partir do contexto sócio-histórico-ideológico de produção do discurso, em que não havia vacina ou nenhum outro tipo de medicamento comprovadamente eficaz, a cloroquina é colocada como um recurso à prevenção da doença, visto que, até então, o presidente de uma das maiores potências mundial atribuía a essa droga uma forma de “virar o jogo contra o vírus”.

Nesse discurso, podemos salientar a disparidade entre os termos utilizados: “quem não quiser tomar cloroquina *versus* não tente impedir quem deseja”, o que evidencia uma irresponsabilidade social e alude a uma relação de poder em que o que se deseja e não se deseja deva ser respeitado, tendo em vista o direito e a liberdade de escolha de cada cidadão. Contudo, está em pauta o direito ao uso de um medicamento que, além de não ter eficácia comprovada contra o novo coronavírus, apresenta efeitos colaterais graves, com falsa impressão de proteção ao vírus.

Reportagem 5 - Em pior momento da pandemia, Bolsonaro critica 'mimimi' e diz que brasileiro tem que enfrentar vírus

Em pior momento da pandemia, Bolsonaro critica 'mimimi' e diz que brasileiro tem que enfrentar vírus

Um dia após o registro de novo recorde diário de mortes pela covid-19 no país, o presidente Jair Bolsonaro deu uma série de declarações dando a entender que o choro pelas vítimas é "frescura" e "mimimi" e classificando como "idiotas" aqueles que cobram na imprensa e nas redes sociais a compra de vacinas pelo governo.

4 março 2021

Na quarta-feira (3/3), o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) registrou 1.910 óbitos pela doença no período de 24 horas, o maior em um ano de pandemia, além de 71.704 novos casos de infecção pela doença. Já o boletim desta quinta (4/3) mostra 1.699 óbitos e 75.102 novas infecções documentadas no último dia, somando a um total de 260.970 mortes e 10.793.732 casos de covid-19.

Pelo 11º dia consecutivo, a média móvel em sete dias de óbitos cresceu, atingindo 1.353. Nesta quinta, [Bolsonaro](#) voou de Brasília para São Simão (GO), onde participou da cerimônia de inauguração de um trecho da ferrovia Norte-Sul.

Em discurso transmitido pela TV Brasil, o presidente afirmou: "*Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando? Temos que enfrentar os problemas, respeitar,*

obviamente, os mais idosos, aqueles que têm doenças, comorbidades. Mas onde vai parar o Brasil se nós pararmos?".

Ele disse também que o governo "nunca" se esquivou de buscar vacinas, mas que sempre priorizou a análise da Anvisa antes da liberação: *"Tão logo a Anvisa começou a certificar vacinas, nós passamos a comprá-las"*.

Entretanto, em outro momento do dia, sem máscara e rodeado por apoiadores, Bolsonaro esbravejou contra a demanda por imunizantes: *"Tem idiota que a gente vê nas redes sociais, na imprensa, (dizendo) 'vai comprar vacina'. Só se for na casa da tua mãe. Não tem (vacina) para vender no mundo"*.

No discurso veiculado pela TV Brasil, o presidente se disse "castrado" em seu poder diante de políticas locais: *"Governadores e prefeitos, repensem a política do fecho tudo. O povo quer trabalhar!"*

"Até quando vamos ficar dentro de casa? Até quando vai se fechar tudo? Ninguém aguenta mais isso", disse, depois se referindo ao fechamento do comércio como "frescura".

"Atividade essencial é toda aquela necessária para o chefe de família levar o pão para dentro de casa, porra", afirmou, mais uma vez defendendo que a economia não pode parar. A mesma frase foi postada em sua conta no Twitter.

Em outro momento em sua visita a Goiás, falando a apoiadores, o presidente disse que seu governo está indo bem na gestão da pandemia: *"Temos um problema que é o vírus. Tem que enfrentar, não adianta ir para debaixo da cama. Lamentamos as mortes, mas temos que conviver e vencer. O Brasil é um dos países que mais vacinam no mundo. Não tem o que falar de mim, falam agora que sou negacionista. Não tem o que falar, nosso governo está indo muito bem, graças a Deus"*.

Desde o início da pandemia, Bolsonaro [já se referiu à covid-19 como uma "gripezinha", perguntou "e daí" ao ser confrontado com o número recorde de mortes no país e afirmou que "todos vamos morrer um dia"](#).

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56287135> >. Acesso em 1/5/2021.

Nessa reportagem, as **condições de produção** do discurso apontam, num sentido restrito, para o crescente número de mortos, em um curto espaço de tempo, e, num sentido amplo, para a crise da pandemia. Em *"Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando? Temos que enfrentar os problemas, respeitar, obviamente, os mais idosos, aqueles que têm doenças, comorbidades. Mas onde vai parar o Brasil se nós pararmos?"*, há desconstrução do *ethos* religioso do sujeito discursivo, em que, a partir da análise da **formação ideológica** e das **formações discursivas**, depreendemos a falta de empatia do sujeito discursivo com as vítimas da covid-19.

Além disso, ao assumir e expor a posição dele sobre a crise provocada pela pandemia, o sujeito discursivo busca a legitimação do discurso dele a partir da utilização de argumentos que buscam repreender, subjugar as pessoas, atingir a identidade cada uma delas, aprisionamento e tolhendo o livre pensamento, o pensamento, o que pode provocar medo, trazendo à baila "mimimi", "frescura", confirmando a cenografia e o *ethos* construído dele,

muito embora tais palavras não coincidam com o discurso dele, ao aludir “a um outro discurso dentro de seu próprio” (AUTHIER- REVUZ, 1995, *apud* MAINGUENEAU, 2005, p. 159).

Desconsiderando os dados, o sujeito discursivo considera “frescura” e “mimimi”, numa **heterogeneidade marcada**, pela utilização desses termos que são comumente utilizados para representar ou imitar aqueles que reclamam demais, sendo desnecessárias e repreensíveis lamentações.

Como já vimos, os sentidos que se renovam ligam-se a um já-dito que se encontra na memória discursiva (**interdiscurso**), diante da impossibilidade de um enunciado ser mencionado da mesma forma. Para Pêcheux (1990, p. 82), o funcionamento da linguagem não é somente pela informação, mas pelo modo como o sujeito constrói os sentidos, pois “[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de **formações imaginárias** que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. Assim, explicitamente, o sujeito discursivo protagoniza uma desvalorização da vida.

No segundo enunciado: *"Tão logo a Anvisa começou a certificar vacinas, nós passamos a comprá-las"*, as condições de produção, num sentido restrito, remetem a protestos e críticas ao governo pela escassez de vacinas. Nessa formação discursiva, o sujeito demonstra preocupação em garantir a aquisição de vacinas certificadas pela Anvisa, como resposta às críticas de que o governo é contra a vacinação em massa da população, em que o sujeito discursivo busca desconstruir a imagem de omissão às demandas do povo. Para o povo, a vacinação representa uma esperança de retorno à normalidade.

Já no terceiro enunciado: *"Tem idiota que a gente vê nas redes sociais, na imprensa, (dizendo) 'vai comprar vacina'. Só se for na casa da tua mãe. Não tem (vacina) para vender no mundo"*, o discurso é produzido como injúrias àqueles que, nas redes sociais ou na imprensa, cobram providências para comprar vacina em larga escala, com a formação discursiva apontando para a construção de sentido em que impera ofensas e xingamentos, desrespeitando os posicionamentos dos que divergem dele.

O discurso proferido por ele adveio da justificativa da insuficiência de imunizantes que atendam à demanda da população, pois, segundo ele, o governo federal não apresentaria resistência em realizar a compra de vacinas, caso houvesse disponibilidade delas para venda, no mundo.

No quarto enunciado: *"Governadores e prefeitos, repensem a política do fecha tudo. O povo quer trabalhar!"*, o sujeito discursivo reforça, a partir dessa formação discursiva, a

necessidade de abertura de comércio e indústrias para manter a economia e solucionar desempregos gerados pelas medidas sanitárias adotadas por governantes.

Nessa cenografia, a pandemia avança e, consequentemente, a crise no mercado de trabalho se agrava, provocando um desalinhamento do *ethos* religioso dele, em razão da conduta que apresenta, por demonstrar insensibilidade pelas vidas perdidas e por aquelas que surgirão, caso medidas de enfrentamento e prevenção à contaminação não fossem obedecidas. Em vista disso, o discurso construído isenta-o de qualquer culpabilidade pelos índices de desemprego no país, transferindo a responsabilidade a estados e municípios que insistem na adoção de medidas de *lockdown*.

No quinto enunciado: *"Até quando vamos ficar dentro de casa? Até quando vai se fechar tudo? Ninguém aguenta mais isso"*, uma vez mais, o sujeito discursivo critica a insistência pela manutenção das medidas de isolamento social e de fechamento dos comércio. Após mais de um ano de pandemia, o sujeito discursivo reafirma o negacionismo, evidenciado a partir dessa formação discursiva, expondo um cenário catastrófico do país, com um número cada vez maior de mortes e de pessoas contaminadas e com o sistema de saúde entrando em colapso.

Implicitamente, o sujeito discursivo apresenta um aparente conflito entre salvar tanto vidas como a economia, esquecendo-se de que, enquanto a pandemia não estiver sobre controle, não haverá geração de empregos, com a ameaça de “ondas” iminentes, o que impossibilitaria a volta ao mercado de trabalho daqueles que perderam empregos.

No sexto enunciado: *"Atividade essencial é toda aquela necessária para o chefe de família levar o pão para dentro de casa, porra"*, as condições de produção, num sentido restrito, remetem ao decreto dos governos para o fechamento dos comércio, mantendo abertos os considerados essenciais, na busca de amenizar os efeitos de uma “nova onda” de contaminação, o que demonstra uma crítica do sujeito discursivo à adoção dessas medidas restritivas.

Desse modo, a fala do sujeito discursivo é uma resposta ao que é visto como essencial ou não por aqueles que instituíram as medidas sanitárias de prevenção e contenção ao novo coronavírus, pois a manutenção dos empregos é essencial. Ao final do discurso, o sujeito discursivo utiliza-se de uma linguagem vulgar para expressar a revolta dele diante da crise por que o país passa. Nesse sentido, novamente notamos um envolvimento maior dele com a situação econômica do país, e não com as vidas perdidas.

No último enunciado da reportagem: *"Temos um problema que é o vírus. Tem que enfrentar, não adianta ir para debaixo da cama. Lamentamos as mortes, mas temos que conviver e vencer. O Brasil é um dos países que mais vacinam no mundo. Não tem o que falar de mim, falam agora que sou negacionista. Não tem o que falar, nosso governo está indo muito bem, graças a Deus"*, num sentido restrito, as condições de produção retratam o fato de as vacinações já ocorrerem em todo o país.

Ao construir o sentido do discurso, podemos constatar, a partir dessa formação discursiva, que o sujeito discursivo vê como positiva a forma como o governo federal vem conduzindo a crise, pois, a cada dia, mais pessoas recebem a vacina, com destaque dado à necessidade de encarar o vírus, sem a economia parar, e reitera críticas àqueles que veem como negacionismo ignorar medidas de *lockdown* e considerar impactos do combate ao vírus apenas do ponto de vista econômico.

DIAGNÓSTICO DE LEITURA

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA – TESTE DE LEITURA

Aluno (a): _____ Série/turma: _____ Data: ____/____/____
Disciplina: Língua Portuguesa

Leia o texto a seguir.

Bolsonaro afirma que TCU inflou relatório com 50% a mais de mortes por covid

Ministros do TCU negam a existência de um relatório de Corte que coloca dúvida sobre 50% dos registros de morte por covid no País

Bolsonaro declarou nesta segunda-feira, 7, que um relatório do Tribunal de Contas da União (TCU) aponta número inflado de mortes por covid-19 no Brasil.

A reportagem apurou que o TCU prepara uma nota sobre o assunto para negar a conclusão citada por Bolsonaro.

"O relatório final, que não é conclusivo, disse que em torno de 50% dos óbitos por covid no ano passado não foram por covid, segundo o Tribunal de Contas da União", afirmou Bolsonaro a apoiadores, na entrada do Palácio da Alvorada.

"Esse relatório saiu há alguns dias. Logicamente que a imprensa não vai divulgar. Já passei para três jornalistas com quem eu conversei e devo divulgar hoje à tarde. Está muito bem fundamentado, todo mundo vai entender, só jornalista não vai entender", completou o presidente.

O Brasil tem mais de 470 mil mortos por coronavírus. Desde o início da pandemia, Bolsonaro e aliados agem para minimizar o número de vidas perdidas em decorrência da covid-19. A deputada Carla Zambelli (PSL-SP), por exemplo, chegou a compartilhar nas redes sociais, em maio de 2020, notícias falsas de que o governo do Ceará estaria sepultando caixões vazios para inflar o número de vítimas da doença.

Na semana passada, ao justificar a realização da Copa América no Brasil, durante a pandemia, Bolsonaro novamente criticou as medidas de isolamento social adotadas por governadores e prefeitos. "Lamento as mortes, mas nós temos de viver. Se é para todo mundo ficar em casa, vamos determinar que é para o homem do campo ficar em casa também. Quero ver do que a cidade vai sobreviver", afirmou ele.

Em pronunciamento veiculado em rede nacional de rádio e TV, na quarta-feira, 2, Bolsonaro também exaltou a vacinação contra o vírus e comemorou a transferência de tecnologia para o laboratório da Fiocruz fabricar o imunizante da AstraZeneca por conta própria.

Na ocasião, o grupo de sete senadores independentes e de oposição na CPI da Covid, conhecido como G7, divulgou nota para criticar o pronunciamento do presidente. "*A inflexão do presidente da República celebrando vacinas contra a covid-19 vem com um atraso fatal e doloroso*", escreveram os senadores.

Disponível em: <https://www.abcdabc.com.br/brasil-mundo/noticia/bolsonaro-afirma-que-tcu-inflou-relatorio-50-mais-mortes-por-covid-125601>. Acesso em: 7/6/2021.

Após a leitura atenta do texto, responda às questões que seguem.

1. A que gênero discursivo o texto se refere?

2. Observe o enunciado abaixo e responda às questões que seguem.

"O relatório final, que não é conclusivo, disse que em torno de 50% dos óbitos por covid no ano passado não foram por covid, segundo o Tribunal de Contas da União"

a. Identifique: quem fala, a quem fala, para dizer o quê e com qual intenção.

b. Indique em que condições, num sentido amplo, a produção do discurso ocorreu.

- () A pandemia provocada pelo novo coronavírus no Brasil;
- () As *fake news*(notícias falsas) divulgadas acerca do número de mortes provocada pela covid-19;
- () A realização da Copa América no Brasil.

3. Com base no discurso do Chefe do Poder Executivo, é possível identificar a posição defendida por ele em relação à pandemia provocada pelo novo coronavírus? Explique.

4. Assinale a opção correta quanto ao tipo de discurso predominante na reportagem em estudo.

- a. () Na reportagem lida prevalece o discurso político, uma vez que aborda um tema de extrema importância, exposto por um cidadão que se dirige a outros cidadãos;
- b. () Há predominância do discurso religioso, já que o nosso Chefe de Estado é evangélico;
- c. () Trata-se de um discurso publicitário, visto que apresenta a divulgação da vacina AstraZeneca, imunizante contra a Covid-19.

5. Explique a ironia presente nos enunciados:

a) “Lamento as mortes, mas nós temos de viver. Se é para todo mundo ficar em casa, vamos determinar que é para o homem do campo ficar em casa também. Quero ver do que a cidade vai sobreviver”.

b) “[...] todo mundo vai entender, só jornalista não vai entender...”

Quadro 2 – Plano de ação

ESCOLA:

TURMA:

OBJETIVO: Ampliar a competência leitora de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, a partir do desenvolvimento de oficinas de leitura de textos que versem sobre a pandemia, numa perspectiva política, de forma a contribuir para suscitar atitudes reflexivas.

Ações	Objetivos	Recursos	Detalhamento das ações	Carga Horária
1. Aplicação da atividade diagnóstica/ teste de leitura.	Verificar as dificuldades de leitura, compreensão e interpretação de textos do gênero reportagem.	Cópias da atividade diagnóstica/teste de leitura	Cópia da atividade diagnóstica/teste será distribuída para que os alunos façam a resolução individual, a fim de verificar o nível de dificuldade com relação a leitura, compreensão e interpretação de reportagens.	2h/a
2. Estudo do gênero reportagem (estrutura) Apresentação da temática que será abordada nas reportagens;	Verificar os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do gênero e do tema apresentado nas reportagens sob análise. Conhecer os elementos que compõem o gênero reportagem, suas peculiaridades e função comunicativa.	Projeto multimídia, slides explicativos e reportagem	Momento de interação professor-aluno para levantamentos dos conhecimentos prévios sobre o gênero e o tema; Exposição dos aspectos relacionados a estrutura do gênero reportagem, a partir da análise da reportagem: Coronavírus: Bolsonaro defende fim de quarentena e abertura de comércio (site O tempo)	2h/a
3. Teoria na prática: conhecendo os elementos da AD	Conhecer e compreender os elementos da análise do discurso: contexto de produção, <i>ethos</i> , formações imaginárias, ideológicas e discursivas, dialogismo, heterogeneidade mostrada e não mostrada; cenas de enunciação	Projeto multimídia; slides com os conceitos dos elementos da AD; trecho da reportagem	Explanação dos conceitos da AD, exemplificação a partir da análise do enunciado do Chefe do Poder Executivo, retirado de reportagem de forma a contribuir para a produção de sentidos e o desenvolvimento da criticidade.	2h/a
4. Teoria na prática: aplicabilidade dos	Produzir um espaço de problematizações e reflexões quanto ao	Xerox da reportagem e dos trechos selecionados para	Leitura e análise direcionada a produção de inferências e opiniões a	2h/a

conceitos da AD na análise dos enunciados atribuídos ao Chefe de Estado	sentido explícitas e implícitas, ideologias e ironias;	análise discursiva	partir de reportagem	
5. Teoria na prática: explicitação das análises realizadas pelos alunos;	Apresentar os efeitos de sentidos atribuídos aos enunciados analisados, tendo em vista os pressupostos teóricos da AD.	Projetor multimídia e/ou cópia da reportagem.	Organização da turma em círculo; Apresentação das análises, mediadas pelo professor, dos sentidos produzidos a partir da análise dos enunciados, com base nas questões norteadoras.	2h/a
6. Atividade para verificação de aprendizagem	Comparar o desempenho dos alunos, no que se refere à leitura, produção de sentido e criticidade, antes e depois da intervenção.	Xerox	Realização da atividade, para avaliação das estratégias trabalhadas ao longo da oficina.	2h/a

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

OFICINA DE LEITURA

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar os elementos organizacionais e estruturais do gênero discursivo reportagem;
- Trazer à tona conceitos da AD de tendência francesa, no que se refere ao sujeito, discurso, as condições de produção do discurso no sentido amplo e restrito, ideologia, interdiscurso, *ethos*, cenografia, entre outros, a fim de observar como os sentidos se constroem na reportagem de modo a tentar desenvolver uma postura crítica e reflexiva;
- Produzir um espaço de problematizações e reflexões quanto ao sentido que se atribui as informações veiculadas na reportagem;

RECURSOS:

- Quadro, giz, data show, folhas xerocadas.

DURAÇÃO: 10h/a

METODOLOGIA:

1ª. Etapa- Conhecendo o gênero reportagem

O professor iniciará a aula fazendo um levantamento prévio dos conhecimentos dos alunos acerca do gênero reportagem. Em seguida irá expor o conceito do gênero.

Reportagem é um recurso de transmissão de informação, com assuntos complexos e amplos, expandindo os conhecimentos dos leitores sobre assuntos relevantes à sociedade.

O gênero textual reportagem apresenta em sua composição a seguinte estrutura:

- **Título** ou manchete (corresponde ao anúncio do fato em si);
- **Subtítulo ou título secundário:** complementa o título principal e apresenta mais informações, ainda que breves, sobre o que será encontrado no texto. Esse elemento é facultativo.
- Primeiro parágrafo, cabeça ou **lead**(corresponde ao clímax, na qual são apresentadas as principais informações da matéria, fornecendo um panorama aos receptores);
- **Corpo do texto** corresponde ao desenvolvimento da história, narrativa ou texto.

Após essa breve explanação, será projetada ou distribuída cópias da reportagem “Coronavírus: Bolsonaro defende fim de quarentena e abertura de comércio”, do site O tempo.

Coronavírus: Bolsonaro defende fim de quarentena e abertura de comércio

Em pronunciamento, presidente diz que “devemos voltar à normalidade”; veja na íntegra

Por LÉO SIMONINI
24/3/20 - 20h48

O presidente da República Jair Bolsonaro usou as redes de comunicação do país para mais um pronunciamento oficial relacionado à pandemia do novo coronavírus (Covid-19).

Novamente, o chefe de Estado minimizou os efeitos da doença que já matou 18.615 pessoas pelo mundo, além de 46 brasileiros, e garantiu que é hora de as pessoas fora do grupo de risco voltarem à vida normal.

"Nossa vida tem que continuar, os empregos devem ser mantidos, o sustento das famílias deve ser preservado, devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades, estaduais e municipais, devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes e o fechamento de comércio e o confinamento em massa", garantiu.

Segundo ele, apenas um pequeno grupo de pessoas deve se manter atenta ao vírus, já que na maioria, inclusive nele próprio, os sintomas seriam de uma "gripezinha" ou um "resfriadinho".

"O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos, então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos. Noventa por cento de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos, sim, ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, especialmente nossos pais e avós, respeitando as orientações do ministro da Saúde (Luiz Henrique Mandetta). No meu caso, em particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria, ou se muito, seria acometido de uma gripezinha ou um resfriadinho", continuou.

De acordo com Jair Bolsonaro, a imprensa fez o papel de espalhar o pânico e a histeria entre os brasileiros, conforme a situação dramática vivida pela Itália se agravava.

*"Tínhamos que conter, naquele momento, o pânico, a histeria e ao mesmo tempo traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase **contra tudo e contra todos**. Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão, espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas da Itália. Um país com um grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país", disse.*

Ainda segundo o presidente da República, o país se prepara para a pandemia desde o resgate de um grupo de brasileiros em solo chinês.

*"Desde quando resgatamos **nossos irmãos** em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos ministérios da Defesa e Relações Exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo. Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil", afirmou.*

*"Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos Estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído, e, desde então, o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando **um excelente trabalho** de esclarecimento e preparação do SUS para o atendimento de possíveis vítimas", continuou.*

Em seguida, Bolsonaro voltou a falar sobre um remédio que já existe no mercado, mas para o tratamento de outras enfermidades, que pode servir como a cura para o coronavírus, apesar de estudos em fase inicial.

*"Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento. O FDA **americano** e o hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite. **Acredito em Deus**, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo, na cura dessa doença",* completou, para encerrar o pronunciamento oficial agradecendo a todos os profissionais de saúde envolvidos no combate ao novo coronavírus.

Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/politica/coronavirus-bolsonaro-defende-fim-de-quarentena-e-abertura-de-comercio-1.2315821>> Acesso em: 5/12/2020.

Após a leitura atenta do texto, o professor deverá perguntar aos alunos a composição da reportagem, a fim de averiguar os conhecimentos sobre o gênero:

1. Identifique os elementos estruturais da reportagem lida (título, subtítulo, *lead* e o corpo do texto).
2. Qual o tema da reportagem em estudo?
3. Você considera esse tema pertinente?
4. A que público se destina?

2ª. Etapa- Conhecendo alguns conceitos da AD

Neste momento, o texto será visto não somente como materialidade linguística em si mesma, mas como parte de um processo discursivo mais amplo. Nesse caminho, a partir da apresentação dos conceitos da AD, os alunos serão motivados a refletir e se posicionar acerca das declarações do sujeito discursivo, tendo em vista a posição social que ocupa.

Segundo Bakhtin (2014), a palavra é o fenômeno ideológico, por acompanhar e comentar todo ato ideológico, para quem manifestações da criação ideológica, inclusive os signos não verbais, constituem-se no e pelo discurso, por isso não podem ser isoladas nem separadas dele.

A **ideologia**, para Chauí (2008), é como um conjunto de regras que prescrevem o que os membros da sociedade devem pensar, valorizar, sentir e fazer, sendo um dos instrumentos da dominação de classe, utilizada pelos dominantes para a dominação, sem que seja percebida, como tal, pelos dominados, em que a dominação de uma classe passa a ser vista como lícita, justa, boa e válida à sociedade. Desse modo, a ideologia é exteriorizada por **formações ideológicas**, que, para Pêcheux *et al.* (1990), são “[...] palavras, expressões, proposições que mudam de sentido segundo posições sustentadas por quem as empregam, cujos sentidos são determinados em relação às formações ideológicas nas quais se inscrevem estas posições [...]”.

Para Foucault (2005, p.53), “[...] **discurso** consiste num conjunto de enunciados que irá remeter a uma mesma formação discursiva”, para quem analisá-la baseia-se na descrição dos

enunciados que a compõem. Para os analistas do discurso, a partir do texto, os significados são tecidos, importando as **condições de produção**.

Os **sujeitos discursivos** são questionados pelas **formações discursivas** que representam as formações ideológicas que lhes representam. A ideia de formação discursiva atrela-se às condições de viabilidade dos discursos, relacionados à ideologia dos sujeitos

O discurso é construído visando ao sujeito, bem como ao contexto no qual se encontra, atentando ao contexto imediato, sócio-histórico-ideológico, ou seja, à formação discursiva do sujeito, ao lugar e à posição social do sujeito no discurso constituído pela e na sociedade. Desse modo, numa **formação imaginária**, o sujeito antecipa os sentidos que as palavras produzem no outro, conforme assegura Orlandi (2009), ou seja, corresponde à capacidade de se colocar no lugar do outro para, de certa forma, “ouvir” as palavras dele.

O interdiscurso passa a ser um lugar estável em que outros discursos são apenas peças que o compõem. Segundo Maingueneau (1994), o interdiscurso, por ser autônomo, acontece por relações semânticas, reportando-se a outros, ou seja, semanticamente, o discurso ocorre em um espaço de trocas, sem uma identidade fechada.

Reconhecendo diferentes possibilidades de existência de múltiplas vozes no discurso, essa atilada linguista trouxe à baila os termos **heterogeneidade mostrada e não mostrada**, com incidências de vozes implícitas e explícitas de terceiros, na defesa de que a enunciação se constitui de vozes distintas, com palavras empregadas pelas pessoas, sendo palavras dos outros, na fusão de falares sociais que podem até criar novas maneiras de dizer, híbridas, mas que nunca lhes pertencem totalmente.

A noção de **ethos** pode ser definida, segundo Maingueneau (2005), como a projeção da imagem que o enunciador faz de si mesmo e do outro, no decorrer do processo de enunciação. Tal projeção possibilita que o coenunciador construa, por meio do discurso, a personalidade assumida pelo enunciador ao longo da interação verbal.

No entanto, tendo em vista a necessidade de avanço na análise, o autor propõe que tais atividades sejam abordadas em termos de **cena de enunciação**. Nesse viés, a cena de enunciação de um gênero discursivo não apresenta um conjunto ínfimo, uma vez que assimila e faz interagir três cenas intituladas por Maingueneau (2015) de: **cena englobante, cena genérica e cenografia**.

Mediante a apresentação e explanação dos conceitos pertinentes a AD, o professor realizará uma análise com base no discurso do sujeito discursivo, a partir da reportagem em estudo **Coronavírus: Bolsonaro defende fim da quarentena e abertura do comércio**, de modo a produzir um espaço de problematizações e reflexões quanto ao sentido que se pode atribuir à informação veiculada. Para tanto, foi selecionando o enunciado:

"Nossa vida tem que continuar, os empregos devem ser mantidos, o sustento das famílias deve ser preservado, devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades, estaduais e municipais, devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes e o fechamento de comércio e o confinamento em massa"

A partir do enunciado acima serão analisados, com os alunos, os seguintes elementos:

- (a) condição de produção (sentido amplo e restrito);
- (b) formação ideológica, imaginária e discursiva;

- (c) o ethos discursivo;
- (d) interdiscurso;
- (e) heterogeneidade discursiva mostrada e não-mostrada;
- (f) cenografia.

Após a realização da análise do primeiro enunciado atribuído ao sujeito discursivo, será a vez de os alunos analisarem as demais falas. Para isso, a turma será dividida em quatro grupos em que cada ficará responsável pela análise de um enunciado. Desse modo, a divisão ficou da seguinte forma:

Grupo 1

"O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos, então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos. Noventa por cento de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos, sim, ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, especialmente nossos pais e avós, respeitando as orientações do ministro da Saúde (Luiz Henrique Mandetta). No meu caso, em particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria, ou se muito, seria acometido de uma gripezinha ou um resfriadinho"

Grupo 2

*"Tínhamos que conter, naquele momento, o pânico, a histeria e ao mesmo tempo traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase **contra tudo e contra todos**. Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão, espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas da Itália. Um país com um grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país"*

Grupo 3

"Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos Estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído, e, desde então, o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para o atendimento de possíveis vítimas"

Grupo 4

*"Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento. O FDA **americano** e o hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite. **Acredito em Deus**, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo, na cura dessa doença"*

Após a distribuição dos enunciados, serão distribuídas cópias ou projetada algumas questões que irão nortear as análises realizadas pelos alunos.

QUESTÕES NORTEADORAS:

- 1 A partir das declarações do Chefe do Poder Executivo, identifique a situação retratada, os sujeitos envolvidos e as circunstâncias que o motivaram a dizer o que disse, ou seja, as condições em que a produção do discurso ocorreu.
- 2 Analise o enunciado apresentado e identifique a posição defendida pelo sujeito discursivo, com relação à covid-19 e às medidas de prevenção e enfrentamento ao vírus.
- 3 A partir do discurso em análise, qual a imagem que o sujeito discursivo projeta de si?
- 4 Qual o efeito de sentido produzido pelo discurso do sujeito discursivo, tendo em vista a posição por ele ocupada?
- 5 Há ironia(s) presente(s) no enunciado? Discuta.
- 6 No que se refere à crise sanitária provocada pelo novo coronavírus, é possível perceber um diálogo entre o discurso do sujeito discursivo com outros discursos, ou seja, o que foi falado já foi dito por outrem em outro momento ou circunstância? Explícite.

3ª. Etapa- Exposição das análises

Passado o período de discussão dos grupos acerca dos enunciados, a turma será organizada em círculo para que cada grupo apresente o resultado de suas análises. Neste momento, a fim de contribuir para a dinamicidade, interação e participação, o professor deverá direcionar as apresentações e permitir que alunos de outros grupos emitam opiniões,

impressões e posicionamentos, de modo a acrescentar novos sentidos e promover o enriquecimento das análises.

4ª. Etapa -Verificação de aprendizagem.

Os alunos farão uma atividade para verificação da aprendizagem de modo a descobrir se os elementos da AD contribuíram para o melhoramento da leitura e produção de sentidos e para o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva.

ATIVIDADE PARA VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Aluno (a): _____ Série/turma: _____ Data: ____/____/____
 Disciplina: Língua Portuguesa

Leia o texto a seguir.

Bolsonaro ironiza pandemia e diz que covid-19 "matou" o mosquito da dengue

Mandatário voltou a colocar em dúvida o número de brasileiros mortos pela doença no país; total passa de 365 mil fatalidades

Por Ingrid Soares

Postado em 16/4/2021 14:58 / atualizado em 7/6/2021 17:47

O presidente Jair Bolsonaro voltou a colocar em dúvida, nesta sexta-feira (16/4), o número de mortes pela covid-19 no país. Até o momento, mais de 365 mil brasileiros perderam a vida em decorrência do novo coronavírus. O chefe do Executivo ironizou que não morre mais ninguém de outras doenças e que "até mesmo o mosquito da dengue" teria sido vítima do vírus, já que, segundo ele, os casos de dengue também sumiram.

Segundo Bolsonaro, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, entregará um levantamento dos últimos cinco anos constando o número de mortos por outras doenças na próxima reunião do Comitê criado para o combate da pandemia.

"Tivemos uma reunião daquele comitê que trata da covid, né, com presidente da Câmara, Senado, MP, etc. No momento, particularmente, eu resolvo o assunto, mas eu pedi em público, ali, para que o ministro da Saúde, na próxima reunião nossa do conselho, apresente, nos últimos cinco anos, quantas pessoas morreram de cada doença", apontou.

"Tem certas doenças que não morrem mais ninguém. O vírus matou o mosquito da dengue. Então, nós sabemos que está matando esse vírus, sabemos. Em especial quem é mais idoso, etc, mas temos que ter um número concreto", acrescentou.

Ele disse ainda que é necessário averiguar a razão das unidades de terapia intensiva (UTIs) estarem cheias e se realmente se deve a casos da covid-19. "Parece que só se morre de covid. Você pode ver: os hospitais estão com 90% das UTIs ocupadas. Agora, o que a gente precisa fazer: quantos são de covid e quantos são de outras enfermidades".

Na quarta-feira (14), ele teceu comentários semelhantes questionando os casos da doença. *"Eu mandei o Ministério da Saúde, determinei para levantar o número de óbitos dos últimos cinco anos de certas doenças. Tem doenças que simplesmente o vírus acabou. Várias. Problema de coração parece que acabou no Brasil. Morre pouca gente. Morre de doença respiratória, pouca gente também. Tudo é covid-19. Lamentamos, morre gente, lamentamos quem perdeu a vida. Tem muita gente, amigos meus que estão em situação complicada, hospitalizados. Sabemos disso, mas temos que enfrentar esse problema. A vida toda vai existir esse vírus, infelizmente",* destacou na data.

Vermes

Bolsonaro voltou a falar em tratamento precoce, que não possui eficácia comprovada e alfinetou a oposição, chamando-a de "verme". *"Criminalizaram o tratamento precoce, o tratamento imediato. Estão processando ministro da Saúde nosso por causa da cloroquina, que é usada há muito tempo para a malária. Não existe excesso de produção aqui",* alegou. *"A ivermectina mata verme? Então, entendi porque a esquerda é contra",* disparou.

Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/04/4918678-bolsonaro-ironiza-pandemia-e-diz-que-covid-19-matou-o-mosquito-da-dengue.htm>>. Acesso em: 2/8/2021.

Após a leitura e análise do texto, responda às questões que seguem.

1. Indique a que gênero discursivo o texto pertence.

2. O que é noticiado? A partir do título da reportagem, que imagem é possível construir do sujeito discursivo?

3. A reportagem alude ao fato de o sujeito discursivo colocar em dúvida o número de mortes provocadas pela covid-19 no Brasil. Com base nessa afirmação, identifique a posição defendida e o efeito de sentido provocado por esse posicionamento, tendo em vista o lugar social ocupado pelo sujeito discursivo.

4. Explique a ironia presente nos enunciados:

a) "Tem certas doenças que não morrem mais ninguém. O vírus matou o mosquito da dengue.[...]"

b) "A ivermectina mata verme? Então, entendi porque a esquerda é contra".

5. Após a análise discursiva dos enunciados do texto, coloque (V) para verdadeiro e (F) para falso.

a. () As condições de produção do discurso remetem, num sentido amplo, para a pandemia provocada pelo coronavírus e num sentido restrito, as dúvidas levantadas pelo Chefe de Estado em relação ao número de mortes em decorrência da covid-19.

b. () Levando em consideração o lugar, a posição social do sujeito, do contexto no qual se insere e da formação ideológica, que determina a formação discursiva na qual as palavras adquirem sentido, podemos dizer que a formação discursiva dos enunciados atribuídos ao sujeito discursivo aponta para a posição de competência, preocupação e sensibilidade quanto ao número de mortes provocadas pela covid-19.

c. () No discurso do sujeito discursivo, predomina os processos parafrásticos, em que no dizer há sempre algo que se mantém, o já dito, que remete à memória discursiva (interdiscurso), estabelecendo relações dialógicas que determinam um discurso atravessado por outras vozes, já que remete a textos anteriores.

d. () Em um contexto em que mais de 365 mil vidas foram perdidas devido a covid-19, o sujeito discursivo demonstra total solidariedade as famílias das vítimas e, numa interdiscursividade, volta a ressaltar a importância do tratamento precoce com cloroquina e ivermectina como forma de prevenção à doença.

6. Explique a crítica implícita no enunciado: “ [...]Tem doenças que simplesmente o vírus acabou. Várias. Problema de coração parece que acabou no Brasil. Morre pouca gente. Morre de doença respiratória, pouca gente também. Tudo é covid-19.[...]”.

7. Você concorda com o posicionamento assumido pelo sujeito discursivo em relação à condução da crise provocada pela pandemia? Justifique.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem inúmeras dificuldades com que podemos nos deparar na compreensão de uma multiplicidade de discursos que se amplia(ram) ao longo do tempo, sobretudo se se pensar na tarefa que compete a nós, educadores, de contribuir para a formação de cidadãos crítico-participativos na sociedade em que vivem e da qual devem participar. Desse modo, os professores devem, cada vez mais, buscar interpretar discursos para além da materialidade linguística, na busca da (re)construção de efeitos de sentidos, num contexto sócio-histórico-ideológico, cabendo-lhe otimizar a prática de ensino de leitura e compreensão e interpretação de textos dos mais variados gêneros.

Dito isso, objetivando apresentar aos professores um material coerente com as atuais propostas de ensino da língua materna, desenvolvemos este caderno pedagógico em que, com base nos dispositivos teóricos da AD, propomo-nos percorrer para além das marcas contidas no próprio texto, com vistas a produzir efeitos de sentido, a partir do contexto. Assim, a análise discursiva, a partir das reportagens selecionadas, permitiu-nos observar como os sentidos foram se construindo, alicerçados nos mecanismos teóricos da Análise do Discurso, com uma melhor compreensão e percepção dos enunciados. Em vista disso, a inter-relação do discurso com as condições em que foi produzido compreende tudo o que está no campo da enunciação, ou seja, o contexto histórico-social, pertinente à produção de sentidos e que abarcam, fundamentalmente, os sujeitos e a situação social.

Dessa forma, as alterações político-ideológicas nos discursos decorrem da mudança do sujeito em cena ou da transformação do sujeito no tempo, o que implica mudanças no espaço social. Na verdade, novas perspectivas político-ideológicas que provocam o surgimento de um novo cenário sociocultural são aspectos inerentes à formação de um discurso.

A partir da análise do discurso do sujeito discursivo, em textos do gênero reportagem, concluímos que a construção do sentido se dá por meio de mecanismos que criam os efeitos de sentido, com a predominância de processos parafrásticos. Ao que é dito, há sempre algo que se mantém e que remete à memória discursiva (interdiscurso), pois a língua insere-se na história, produzindo sentidos. Nesse contexto, a formação discursiva deixa transparecer as formações ideológicas que a integra.

Assim é que as palavras ganham sentido em conformidade com a formação ideológica do sujeito envolvido no processo enunciativo, isto é, os sentidos, e não somente o significado das palavras é produzido, em virtude da ideologia do sujeito em questão, da forma como compreende a realidade político-social na qual está inserido.

Com base no exposto, podemos ressaltar a necessidade de o aluno compreender mecanismos de leitura, compreensão e interpretação de textos do gênero discursivo reportagem. Para além disso, com a aplicação desta proposta, desejamos que os professores possam encontrar novas alternativas pedagógicas, de modo a promover a reflexão e a construção de práticas de leitura e compreensão mais eficientes.

Como sabemos, o papel do professor, enquanto mediador entre o aluno e o texto, é imprescindível no processo de desenvolvimento da leitura crítica e reflexiva, promovendo a autonomia e a criticidade no ato da leitura, contribuindo para que os estudantes possam se tornar cidadãos capazes de identificar a intencionalidade discursiva, além de perceber formações discursivo-ideológicas.

Ratificamos que um trabalho delineado a partir do estudo do gênero reportagem, segundo os pressupostos da AD e desenvolvido por meio de estratégias de leitura, que valorizem o discurso e não apenas a frase, poderá minimizar dificuldades, no tocante à leitura, compreensão e interpretação.

Por fim, enfatizamos a relevância da atuação do professor como pesquisador de práticas docentes inovadoras e diferenciadas, com o propósito de transformar a sala de aula em um espaço mais atraente, tornando o trabalho com a leitura mais eficiente e prazeroso para os alunos, na consideração do objetivo primordial da escola: formar cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, para que possa estruturá-la de maneira mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *In*: GERALDI, J.W.; ORLANDI, E. P. (Org.). **Caderno de estudos linguísticos: o discurso e suas análises**. n. 19 jul/dez 1990. Campinas: Unicamp/IEL, 1990.
- BAHIA, J. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**, 4 ed, São Paulo, Ática, 1999.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. de Maria E. Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.
- BAKHTIN, M.(VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 16 ed. São Paulo, Hucitec, 2014.
- BAKHTIN, M. “Du discours romanesque”. *In*: **Esthétique et théorie du roman**. Paris: Gallimard, 1978.
- BRANDÃO, H.N. **Introdução à análise do discurso**. 7. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2012.
- BRANDÃO, H. H. N. **Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás**. São Paulo, Unesp, 1998.
- BRASIL. **Base nacional comum curricular: ensino fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FIORIN, J.L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2 d. São Paulo: Contexto, 2018.
- FIORIN, J.L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2001.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- GUERRA, V. M. L. **Uma reflexão sobre alguns conceitos da análise do discurso da linha francesa**. An. Sciencult, v.1, n.1, pp. 5-18. Paranaíba, 2009.
- HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. 2. ed., [Trad. J. Teixeira Coelho Netto]. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

- LAGE, N. **Linguagem jornalística**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2001.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza e Silva. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-91.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírío Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, D. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins fontes, 1995.
- MAINGUENEAU, D. **Pragmática e discurso literário: leitura e crítica**. São Paulo: Martins 1994.
- MALDIDIER, . **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.
- MARCUSCHI, L. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MOREL, A.P.M. **Negacionismo da covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica**. Scielo, 11 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/pnVbDRJBcdHy5K6NSc4X65f/>> . Acesso em: 23/08/2021.
- MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001b
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. P. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- ORLANDI, E. P. A Análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.) **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz , 2005.
- ORLANDI, E. P. A leitura e os leitores possíveis. In: ORLANDI (Org.) **A leitura e os leitores**. Campinas: Pontes. 1998.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. São Paulo: Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. A aplicação dos conceitos da linguística para a melhoria das técnicas de análise de conteúdo. In: **Análise de discurso: Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015.

Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica – PROEB. Disponível em: <<http://resultados.caedufjf.net/resultados/publicacao/publico/escola.jsf>>. Acesso em: 03 de fev. 2020.

SEIXAS, L. Gêneros jornalísticos digitais. Artigo apresentado no XIII Encontro Anual da COMPÓS, São Bernardo do Campo. In: SODRÉ, M.; FERRARI, M.A. (1986). **Reportagem. Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 2004.

SILVA, E. T. **Criticidade e leitura: ensaios**. São Paulo: Global, 2009.

TRAVAGLIA, L.C. **Gramática e interação - uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 1996.

YANES, R. **Géneros periodísticos y géneros anexos: una propuesta metodológica para El estudio de los textos publicados en prensa**. Madrid: Fragua, 2004.

ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MONTES CLAROS -
UNIMONTES



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO A PARTIR DO GÊNERO REPORTAGEM

Pesquisador: SIDNEIA RODRIGUES DA SILVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 25802919.0.0000.5146

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.719.694

Apresentação do Projeto:

Mediante as dificuldades de leitura e produção de sentidos de alunos do 7º ano da Escola Municipal Santa Rita, da cidade de Januária-MG, buscarse-á elevar o nível de proficiência em leitura dos referidos alunos, através de uma abordagem metodológica qualitativa, naturalista e interpretativa do mundo circundante. À vista disso, a abordagem ocorrerá por meio da leitura e compreensão de reportagens do universo político, especificamente presidencial, com base nos suportes televisivo, impresso e digital, com vistas a tentar desenvolver uma postura reflexiva e formadora de opinião, imprescindível para a formação do leitor, capaz de entender, integrar-se e atuar na realidade social em que está inserido.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Evidenciar os resultados de uma intervenção por meio da análise de marcas discursivas e dialógicas em reportagens, para formação de leitores críticos, participativos na sociedade e que pensem a linguagem como prática social.

Objetivo Secundário:

•Teórico: explorar a possibilidade de ampliação da capacidade de leitura compreensiva através da abordagem de reportagens, buscando atender às necessidades imediatas dos alunos do 7º ano da Escola Municipal Santa Rita da cidade de Januária/MG. •Prático: evidenciar, por meio de teste de

Endereço: Av. Dr. Rui Braga s/n - Camp. Univers. Profº Darcy Rib
Bairro: Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089
UF: MG **Município:** MONTES CLAROS
Telefone: (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MONTES CLAROS -
UNIMONTES**



Continuação do Parecer: 3.719.694

leitura, análise e discussão, as dificuldades de leitura e compreensão de textos do gênero reportagem;•
Metodológico: elaborar e desenvolver um plano de ação com vistas a tentar amenizar o atual quadro de dificuldades de leitura e produção de sentidos, estimulando a leitura compreensiva, crítica e a produção de novos conhecimentos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa não prevê, mas caso haja algum desconforto ou risco, o participante da pesquisa terá a garantia plena de liberdade de se recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem penalização alguma.

Benefícios:

Despertar nos alunos o interesse pela leitura; minimizar dificuldades no tocante à proficiência leitora a partir de um enfoque dialógico da linguagem; formar leitores críticos e participativos na sociedade e que pensem a linguagem como prática social.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta possui mérito e relevância científica, podendo contribuir para o avanço do conhecimento científico, gerando produtos de importância para a pesquisa, ensino e extensão. Entretanto, torna-se necessário antes de iniciar a pesquisa, fazer os ajustes citados no tópico "Recomendações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados.

Recomendações:

De acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde é estimado que todas as pesquisas apresentem algum tipo de risco e gradações variadas. Os pesquisadores afirmam que a pesquisa não prevê risco, embora afirmem que caso haja algum desconforto ou risco, o participante da pesquisa terá a garantia plena de liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem penalização alguma. Desta forma, os possíveis riscos devem ser citados, considerando a resolução 466/12.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A conclusão é de pendência do projeto de pesquisa, pois nenhum risco foi considerado como prevê a Resolução 466/12.

Endereço: Av. Dr. Rui Braga s/n - Camp. Univers. Prof. Darcy Rib
Bairro: Vila Maurícioa **CEP:** 39.401-089
UF: MG **Município:** MONTES CLAROS
Telefone: (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MONTES CLAROS -
UNIMONTES**



Continuação do Parecer: 3.719.694

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto possui mérito e relevância científica, porém fica pendente até adequar as recomendações listadas neste parecer.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1456427.pdf	18/11/2019 12:34:30		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_concordancia_da_instituicao0001.pdf	18/11/2019 12:34:00	SIDNEIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_concordancia_da_instituicao.pdf	18/11/2019 12:33:33	SIDNEIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_assentimento0001.pdf	18/11/2019 12:31:16	SIDNEIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_assentimento.pdf	18/11/2019 12:30:54	SIDNEIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	consentimento_livre_esclarecido0001.pdf	18/11/2019 12:29:53	SIDNEIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	consentimento_livre_esclarecido.pdf	18/11/2019 12:29:24	SIDNEIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
Parecer Anterior	Parecer_Profletas.pdf	10/11/2019 10:55:21	SIDNEIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Profletas.pdf	10/11/2019 10:48:05	SIDNEIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_responsabilidade.pdf	10/11/2019 10:44:26	SIDNEIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	CCF29102019.pdf	10/11/2019	SIDNEIA	Aceito

Endereço: Av. Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profº Darcy Rib

Bairro: Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089

UF: MG **Município:** MONTES CLAROS

Telefone: (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MONTES CLAROS -
UNIMONTES



Continuação do Parecer: 3.719.694

Folha de Rosto	CCF29102019.pdf	10:25:06	RODRIGUES DA SILVA	Aceito
----------------	-----------------	----------	-----------------------	--------

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MONTES CLAROS, 22 de Novembro de 2019

Assinado por:
SIMONE DE MELO COSTA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Dr. Rui Braga s/n-Camp. Univers. Prof.º Darcy Rib
Bairro: Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089
UF: MG **Município:** MONTES CLAROS
Telefone: (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

ANEXO B – RESOLUÇÃO



1/2

RESOLUÇÃO Nº 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 02 de junho de 2020.

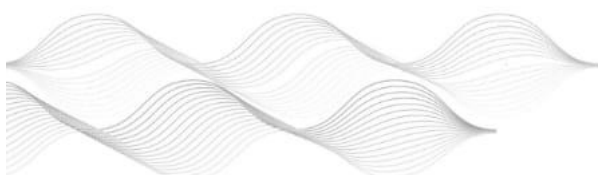
Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

A COORDENAÇÃO NACIONAL DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS) faz saber que, usando das atribuições que lhe confere,

CONSIDERANDO o enfrentamento da pandemia do Covid 19, no âmbito da esfera acadêmica e, particularmente, na pós-graduação;

CONSIDERANDO o contexto de crise sanitária que impacta a realização das atividades presenciais de intervenção que visam à elaboração do trabalho de conclusão da sexta turma do ProfLetras;

RESOLVE aprovar as seguintes normas:





Art. 1o. Os trabalhos de conclusão da **sexta turma** poderão ter caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial.

Art. 2o. O trabalho de conclusão deverá, necessariamente, apresentar **um produto** (proposta de sequência didática, criação de material didático, desenvolvimento de software etc.) a ser sistematizado a partir, por exemplo, da análise de livros e materiais didáticos, da reflexão advinda de trabalhos de conclusão no âmbito do ProfLetras e da intervenção na modalidade remota.

Art.3o. Os produtos a serem sistematizados devem seguir os diferentes formatos previstos tanto no âmbito do programa quanto aqueles apresentados nos documentos de área.

Art. 4º: Esta Resolução entra em vigor a partir da data de sua publicação.

02 de junho de 2020.

Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves
PRESIDENTE DO CONSELHO GESTOR

